



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO ESPECIALIZAÇÃO EM LINGUAGENS E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

RENATA FONSECA DE SIQUEIRA

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS E DISCURSIVAS EM
NARRATIVAS INTERATIVAS: ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS
EM UM *WEBDOCUMENTÁRIO***

FLORIANÓPOLIS

2019

RENATA FONSECA DE SIQUEIRA

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS E DISCURSIVAS EM
NARRATIVAS INTERATIVAS: ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS
EM UM *WEBDOCUMENTÁRIO***

Trabalho de Conclusão de curso de Especialização em Pós-Graduação em Linguagens e Educação a Distância, Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina – Polo de Blumenau como requisito para a obtenção do título de Especialista em Linguagens e Educação a Distância.

Orientador: Prof. Dr. Sandro Braga
Coorientadora: Prof.^a M.^a Fabiane Aparecida Pereira
Tutora: Prof.^a M.^a Marina Siqueira Drey

FLORIANÓPOLIS

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Siqueira, Renata Fonseca de
A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS E DISCURSIVAS EM
NARRATIVAS INTERATIVAS : ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DE
INTERNAUTAS EM UM WEBDOCUMENTÁRIO / Renata Fonseca de
Siqueira ; orientador, Sandro Braga, coorientadora,
Fabiane Aparecida Pereira, 2019.
66 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Curso de
Especialização em Linguagens e Educação a Distância,
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1.Linguagem. 3. Análise de discurso. 4. Educação. 5.
Identidade. 6. Webdocumentário. I. Braga, Sandro. II.
Pereira, Fabiane Aparecida. III. Universidade Federal de
Santa Catarina. Especialização em Linguagens e Educação a
Distância. IV. Título.

Renata Fonseca de Siqueira

**A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS E DISCURSIVAS EM
NARRATIVAS INTERATIVAS: ANÁLISE DE COMENTÁRIOS DE INTERNAUTAS
EM UM *WEBDOCUMENTÁRIO***

O presente trabalho em nível de especialização foi avaliado e aprovado por banca
examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof.^a M.^a Fabiane Aparecida Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a M.^a Geovana Santos
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Tiago Costa Pereira
Delinea Tecnologia Educacional

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de especialista em Linguagem e Educação a Distância pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Prof. Dr. Celdon Fritzen
Coordenador do Curso

Prof. Dr. Sandro Braga
Orientador

Florianópolis, 26 de julho de 2019.

Entrego nas mãos do Eterno meus singelos planos, para que Dele me venha inspiração, e que possa continuar a compartilhar com meu amado Odair cada alegria e conquista que ele tanto me encoraja a buscar. Às minhas queridas filhas Sophia e Raquel, que este trabalho seja fonte de incentivo para sempre buscar e fazer o melhor; meu pequeno Isaac, que me mostrou a força que eu nem sabia que tinha. A vocês dedico cada palavra aqui escrita como homenagem por tão grande amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Eterno por ter me abençoado com este trabalho, por me amparar em cada instante de luta, permitindo que este momento se realizasse.

Ao meu amado Odair que permaneceu ao meu lado em cada dificuldade e acreditou que eu chegaria ao final mais forte e realizada. Por seu apoio e dedicação, todo meu amor.

Minhas amadas filhas Sophia e Raquel, e ao pequenino Isaac, por suportarem minhas presenças ausentes, minha falta de paciência em alguns momentos... Para vocês eu entrego tudo o que tenho, tudo o que sou, cada página aqui escrita leva um pouco de vocês.

Amada família: meu pai Antônio, minha mãe Marina, meus irmãos, Valéria e Ederson, minha cunhada Fabiana, que estão comigo em tudo que estou passando, dedicando tempo e atenção para cuidar de mim e dos meus filhos, agradeço de todo coração.

Minha tutora Marina Siqueira Drey que, por vezes, me socorreu em dificuldades de produção e tempo. Por sua compreensão, meu “muito obrigada”.

Querida Fabiane Aparecida Pereira, coorientadora deste trabalho, que guiou meus passos, sustentou minhas dificuldades, iluminou minhas ideias. Este trabalho só foi possível por você. Deus te abençoe!

Aos professores de cada módulo, que levaram conhecimento para nosso crescimento, expandiram nossas mentes para novos horizontes, com possibilidades a explorar e melhorar a educação do nosso país.

Professor Celdon, que dirige com tanto carinho e competência, muito obrigada.

Um especial agradecimento ao professor Sandro Braga, por aceitar orientar meu trabalho enriquecendo com seu conhecimento.

Meus queridos alunos que me ensinam diariamente como lecionar cada vez melhor e permitem que eu faça parte da vida de todos. Equipe EM João Dias, em especial as professoras Daiane e Maria de Lourdes, muito obrigada por vocês tornarem meu trabalho mais fácil, e lançarem um olhar de bom ânimo para toda minha ansiedade. Vocês são fantásticas!

“Se eu sou eu porque você é você, e se você é você porque eu sou eu, então eu não sou eu e você não é você e a gente não tem o que falar. Mas, se eu sou eu porque eu sou eu, e você é você porque você é você, então eu sou eu e você é você e podemos conversar”

Rabino de Kotzk

RESUMO

O presente estudo tem por objetivo analisar discursos produzidos por internautas a partir de um webdocumentário, considerado como uma narrativa interativa, a fim de observar como ocorre a constituição da identidade discursiva e social dos sujeitos. A análise busca compreender de que maneira a interação com uma nova linguagem inserida em meio virtual, decorrente do surgimento e avanço de novas tecnologias, pode incidir e constituir os sujeitos por meio da linguagem e do discurso. Como aporte teórico, segue-se a vertente franco-brasileira da Análise de Discurso, alicerçada pelo precursor, Michel Pêcheux, e por Eni Orlandi, no Brasil. Os principais conceitos elencados para o embasamento da pesquisa são os de sujeito, discurso, formação discursiva, interdiscurso e identidade, entre outros. Além disso, complementa-se o aporte teórico com apontamentos de Bauman, a respeito da identidade. A pesquisa é desenvolvida a partir da visualização do webdocumentário *A Cruz e a Espada*, primeiro capítulo da série *Brasil – A Última Cruzada*, do canal *Brasil Paralelo*, no *Youtube*. A partir disso, serão coletados e analisados os comentários produzidos pelos internautas sobre o audiovisual assistido em um processo de interatividade, no que tange à constituição da identidade social e discursiva. O estudo mostra-se relevante à medida que promove a reflexão sobre o papel das novas tecnologias, o surgimento de novas linguagens e a produção de identidades sociais e discursivas pelos sujeitos imergidos na interação com narrativas na *internet*.

Palavras-chave: Análise de Discurso; Narrativa interativa; Webdocumentário; Nova linguagem; Identidade discursiva e social.

ABSTRACT

The present study aims to analyze discourses produced by internauts from a webdocumentary, considered as an interactive narrative, in order to observe how the constitution of the discursive and social identity of the subjects occurs. The analysis seeks to understand how the interaction with a new language inserted in a virtual environment, due to the emergence and advancement of new technologies, can focus and constitute the subjects through language and discourse. As a theoretical contribution, the Franco-Brazilian side of Discourse Analysis, based on the precursor, Michel Pêcheux, and Eni Orlandi, in Brazil. The main concepts listed for the research base are those of subject, discourse, discursive formation, interdiscourse and identity, among others. In addition, it complements the theoretical contribution with notes of Bauman. The research is developed from the webdocumentary *A Cruz e Espada*, the first chapter of the series *Brasil – A Última Cruzada*, from *Brasil Paralelo* channel, on *Youtube*. From this, we will collect and analyze the comments produced by Internet users about the assisted audiovisual, in a process of interactivity, regarding the constitution of social and discursive identity. The study is relevant as it promotes reflection on the role of new technologies, the emergence of new languages and the production of social and discursive identities by subjects immersed in the interaction with Internet narratives.

Keywords: Discourse Analysis; Interactive narrative; Webdocumentary; New language; Discursive and social identity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: <i>Webdocumentário</i> “A Cruz e a Espada”	35
Figura 02: Entrevistas.....	36
Figura 03: Imagens	36
Figura 04: Ilustrações	37
Figura 05: Mapas	37

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Dados sobre o <i>webdocumentário</i>	36
Quadro 02: Recortes Discursivos (RDs)	39
Quadro 03: Recorte Discursivo 1 (RD 1) – As relações de força e as formações imaginárias ..	40
Quadro 04: Recorte Discursivo 2 (RD 2) – A alteridade	42
Quadro 05: Recorte Discursivo 3 (RD 3) – O interdiscurso	44
Quadro 06: Recorte Discursivo 4 (RD 4) – A metáfora	46
Quadro 07: Recorte Discursivo 5 (RD 5) – A identidade e a subjetividade	48

LISTA DE SIGLAS

AD - Análise de Discurso

PCN – Parâmetro Curricular Nacional

RD - Recorte Discursivo

SD - Sequência Discursiva

TIC - Tecnologia da Informação e Comunicação

TICs - Tecnologias da Informação e Comunicação

UNESCO - Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	14
1.2 OBJETIVOS	16
1.2.1 Objetivo Geral	16
1.2.2 Objetivos Específicos.....	16
1.3 JUSTIFICATIVA	17
2 METODOLOGIA.....	19
3 REFERENCIAL TEÓRICO	21
3.1 ANÁLISE DE DISCURSO	21
3.2 A IDENTIDADE SOB O OLHAR DOS ESTUDOS CULTURAIS	27
4 NARRATIVAS INTERATIVAS E <i>WEBDOCUMENTÁRIOS</i>.....	31
4.1 NOVA LINGUAGEM: <i>WEBDOCUMENTÁRIOS</i> E NARRATIVA INTERATIVA	31
5 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS E DISCURSIVAS EM NARRATIVAS INTERATIVAS.....	35
5.1 O <i>WEBDOCUMENTÁRIO</i> COMO NARRATIVA INTERATIVA	35
5.2 O SUJEITO E A INTERAÇÃO: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL E DISCURSIVA	37
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	51
REFERÊNCIAS	54
FILMOGRAFIA	57
ANEXOS	58
ANEXO 1	58

1 INTRODUÇÃO

"[...] O que é identidade, parcial ou total na ordem do discurso? Sabemos que o fato de duas enunciações serem exatamente idênticas, formadas pelas mesmas palavras usadas no mesmo sentido, não autoriza a que as identifiquemos de maneira absoluta [...]"

Michael Foucault

O surgimento de novas tecnologias de informação e comunicação promovem impactos em diversas áreas sociais – como a educacional, a econômica, a política, entre outras - promovendo transformações e interligações entre setores e atividades. Uma considerável parcela da população está envolvida, de alguma forma, e depende da *internet* e das tecnologias para resolver assuntos pessoais, profissionais e acadêmicos. Nesse contexto, as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) proporcionam comodidades, mudanças e novos posicionamentos no cotidiano das pessoas.

Por meio das TICs, tem-se o estreitamento de relações e a criação de novas formas de relacionamentos e linguagens, promovidas pelo contato e pela interação viabilizados pelo conteúdo disponível em meio virtual, passível de ser visualizado livremente, compartilhado, comentado e complementado pelos usuários. Conforme Canclini (2008, p. 54), “[...] ser internauta aumenta, para milhões de pessoas, a possibilidade de serem leitores e espectadores. As redes virtuais alteram os modos de ver e ler, as formas de reunir-se, falar e escrever, de amar e saber-se amado à distância, ou, talvez, imaginá-lo.” As novas tecnologias representam, portanto, uma oportunidade de interagir e de integrar pessoas, povos, enfim, sujeitos. Metaforicamente, trata-se de uma “janela” para o mundo.

O grande interesse pessoal pela tecnologia, motivou, neste trabalho, a busca por um entendimento acerca de como funcionam as novas linguagens emergidas no contexto virtual, ou seja, tendo como base a análise de discursos produzidos na interação de usuários da *internet* com um *webdocumentário*, exemplo de narrativa interativa, buscamos compreender como se constituem as identidades sociais e discursivas desses sujeitos que são, ao mesmo tempo, leitores, espectadores e ouvintes.

A pesquisa proposta analisa discursivamente os mecanismos da língua(gem) utilizada nos discursos imersos em meios virtuais, buscando estabelecer relações entre os dizeres dos sujeitos ao interagirem com uma narrativa na formação de sua própria identidade e subjetividade. O sujeito constitui sua identidade discursiva a partir de sua identidade social,

pois é a partir dela que se define, que produz seus discursos e (des)considera os discursos do outro.

De modo mais certo, serão analisados os comentários *online* na plataforma *Youtube* produzidos pelos internautas a partir do *webdocumentário A Cruz e a Espada*, primeiro Capítulo da série *Brasil – A última cruzada*, do canal *Brasil Paralelo*. Deste modo, buscamos analisar como o sujeito constitui sua identidade discursiva ao produzir seu discurso nesse meio virtual e interativo, por meio de seus dizeres sobre sua identidade social.

O estudo tem como principal embasamento teórico-metodológico os pressupostos de Michel Pêcheux e Eni Orlandi, sob a perspectiva da Análise de Discurso de linha franco-brasileira. Além disso, considera-se importante complementar o aporte teórico com as contribuições de Bauman, no que tange ao conceito de identidade à luz dos Estudos Culturais, e uma breve definição quanto as novas linguagens e *webdocumentários*.

Em relação à metodologia, consideramos que a pesquisa tem cunho interpretativista, tendo o texto audiovisual como ponto de partida para a análise de discursos produzidos na interação dos sujeitos com a narrativa na plataforma *Youtube*. A interpretação das discursividades produzidas permite a compreensão acerca de como ocorre a constituição de identidades pelos sujeitos. Primeiramente, houve a visualização do *webdocumentário* “A Cruz e a Espada”; em seguida, foram coletados comentários *online* dos internautas na plataforma *Youtube*, que se encontravam listados abaixo do material audiovisual no *Youtube*. A partir de então, passou-se à interpretação das discursividades com base em conceitos basilares da Análise de Discurso, assim, trabalhamos no limite entre a descrição e a interpretação, como citam Braga e Pereira (2011, p. 175): “O analista deve procurar fugir da posição de leitor, na qual é afetado pelo efeito de transparência/literalidade das palavras, e passar a produzir suas próprias leituras [...]”.

Este estudo organiza-se em uma Introdução, que apresenta uma Delimitação do Tema, Objetivos e Justificativa; Metodologia; Referencial Teórico; análise dos comentários levantados no *webdocumentário*; Considerações Finais e Referências, além do Anexo 1 que apresenta, na íntegra, todos os comentários serviram como base para a organização do *corpus* da pesquisa.

1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Dada a amplitude do assunto, faz-se necessária uma delimitação mais precisa do objeto de estudo dessa pesquisa, integrante da área de novas tecnologias, novas linguagens e narrativas

interativas, assuntos que, atualmente, apresentam poucas pesquisas afins.

A definição do tema desse estudo nasceu de questionamentos pessoais sobre como efetivamente as informações que consumimos e produzimos na *internet* constroem nossas identidades. Nessa perspectiva, construímos a seguinte questão de pesquisa: de que forma a interação com uma nova linguagem - como os *webdocumentários*, no papel de narrativas interativas - pode contribuir para a constituição da identidade social e discursiva dos sujeitos?

A proposta é refletir sobre as novas linguagens encontradas no repositório *Youtube* - em particular, os *webdocumentários* - que carregam características de interatividade - focando particularmente narrativas que são construídas e desconstruídas por seus leitores, por meio de comentários, compartilhamentos e resenhas em *blogs* que interagem com o conteúdo, contribuindo para a construção da identidade social e discursiva do internauta. Ainda, é nosso objetivo analisar o discurso quanto aos efeitos de sentido que tendem a gerar na/para a composição das identidades dos sujeitos.

A base para o desenvolvimento analítico deste trabalho é o *webdocumentário A Cruz e a Espada*, primeiro capítulo da série *Brasil – A última Cruzada*, do canal *Brasil Paralelo*. O tema central da série é recontar a história do Brasil, de acordo com os autores; trata-se de uma narrativa de fatos desconhecidos pela população brasileira. É contada a história da fundação de Portugal desde as invasões mulçumanas islâmicas por toda a Europa, que durante séculos dominou e submeteu suas conquistas a mortes ou situações de submissão.

Cabe ressaltar que esse trabalho de pesquisa se articula com dois módulos estudados no curso de Especialização Linguagens e Educação a Distância, que abordam a questão da relação entre linguagem e tecnologia para a produção do conhecimento: Módulo Intimidades e Módulo Repositórios Digitais.

No que tange ao módulo Intimidades, ressaltamos a questão da ligação do estudante com as linguagens que o cercam, das vozes que falam de forma subjetiva com o sujeito, que é atravessado por relações que constituem seu assujeitamento aos discursos. Desta forma, nesse estudo buscamos a reflexão sobre as diferentes linguagens com as quais nos familiarizamos, pelas quais ocorre a constituição da subjetividade, a conexão com novas linguagens e com múltiplas tecnologias, no intuito de delinear a identidade discursiva, social e cultural do internauta, suscitando relações entre o sujeito e seu entorno, além de suas ideologias. Assim, a relação entre o presente trabalho e o módulo Intimidades situa-se no fato de analisarmos os discursos produzidos a partir dos *webdocumentários* e pensarmos sobre a constituição de identidades pelos sujeitos.

No que se refere ao módulo Repositórios Digitais, o olhar é lançado sobre a principal

mudança que tivemos com as novas mídias sociais, em particular ao repositório *Youtube*, que dispõe de materiais que possibilitam o diálogo, ou seja, é a oportunidade do espectador, agora no papel de internauta, compartilhar suas críticas e posições de forma pública, proporcionando o debate e a discordância, e de forma abrangente, considerando o alcance gerado pela internet. A perspectiva, nesta articulação, é perceber como o indivíduo relaciona-se com o mundo, já que “[...] a compreensão pessoal do mundo parece ser construída cada vez mais por conteúdos mediados.” (HACK, 2014, p. 53).

O relacionamento atual da sociedade com a tecnologia está cada vez mais íntimo. O indivíduo incorpora ideologias vindas de fontes sociais, formatando sua vida por parâmetros ditados por definições globais, em um sistema cooperativo. Pensando neste contexto de uma sociedade cosmopolita midiaticizada, refletir sobre o quanto do “eu” é formatado por conteúdos sociais possibilita o desenvolvimento de conceitos e parâmetros que possam embasar novas metodologias e estudos.

De forma geral, o presente estudo pretende promover o diálogo entre o conteúdo e a forma que a linguagem produz por meio da tecnologia, objetivando perceber como as linguagens se organizam e podem produzir identidades e subjetividades.

1.2 OBJETIVOS

1.2.1 Objetivo Geral

Compreender como ocorre a constituição da identidade discursiva e social dos sujeitos a partir de comentários *online* na plataforma *Youtube* em uma narrativa interativa (*webdocumentário*) na plataforma *Youtube*.

1.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender a linguagem e as principais características dos *webdocumentários*, no papel de narrativas interativas;
- Identificar, na literatura disponível, a conceituação de identidade discursiva e social;
- Realizar levantamento teórico na área de Análise de Discurso, buscando compreender os conceitos de: sujeito, discurso, formação discursiva e ideológica, alteridade e subjetividade.
- Analisar discursivamente as interações dos sujeitos com os *webdocumentários*,

buscando compreender os efeitos de sentido quanto à formação identitária social e discursiva dos usuários.

1.3 JUSTIFICATIVA

O presente estudo pode colaborar com diversas áreas, pois o diálogo sobre a tecnologia e novas formas de interação humana são inerentes a diferentes campos de estudo. À medida que novas tecnologias são integradas à sociedade, em suas diversas áreas surgem oportunidades de desenvolvimento. Uma das áreas que merece atenção no que tange às tecnologias é a da educação, tendo em vista que a evolução e a atualização de saberes exigem uma reformulação de métodos e estratégias.

O campo educacional tem à frente uma singular oportunidade de alavancar mudanças significativas no processo de ensino- aprendizagem. Com a velocidade que as novas tecnologias avançam, os estudos acadêmicos não estão desenvolvendo material suficiente que atenda à demanda que se tem por pesquisas que possam avaliar o emprego das novas mídias em sala de aula.

Diante de todo esse potencial da internet e das TICs, a educação se encontra frente a possibilidades que precisam ser exploradas, discutidas, praticadas e revistas, quantas vezes forem necessárias. Por meio da tecnologia, alcançamos muito mais pessoas, nos lugares mais distantes e de difícil acesso, e, dessa forma, podemos afirmar que a democratização do acesso à informação permeia esse espaço, embora ainda haja limitações de acesso para grande parcela da população. Estamos em um momento de construção de uma educação que privilegie o desenvolvimento autônomo do aprendiz; trata-se de sair do modelo tradicional de exposição do conhecimento para o compartilhamento da informação, em uma formação de alunos que questionem e discutam. É preciso aprender, desaprender e reaprender.

Ainda, ao viver diante deste contexto de atuação constante das TICs, alunos e professores precisam aprender a trabalhar e utilizar de forma integrada e efetiva estas tecnologias, pois:

[...] em um ambiente educacional qualificado, a tecnologia pode permitir que os alunos se tornem: usuários qualificados das tecnologias da informação; pessoas que buscam, analisam e avaliam a informação; solucionadores de problemas e tomadores de decisões; usuários criativos e efetivos de ferramentas de produtividade; comunicadores, colaboradores, editores e produtores; cidadãos informados, responsáveis e que oferecem contribuições. (UNESCO, 2009, p. 1)

Pensar analiticamente nos discursos produzidos a partir de um *webdocumentário* pode resultar em um panorama de como ocorre a interação dos sujeitos com as narrativas interativas. Além disso, refletimos sobre o papel de novas linguagens no ambiente virtual, que podem tornar-se interessantes métodos de ensino-aprendizagem contemporâneos a toda revolução tecnológica que se vive.

2 METODOLOGIA

“[...] As pessoas fazem escolhas sobre o modelo e a estrutura de suas orações que resultam em escolhas sobre o significado (e a construção) de identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença. [...]”

Norman Fairclough

Dadas as características do trabalho de pesquisa, serão adotados os tipos de pesquisa bibliográfico e documental, diferenciando-se essencialmente pela “natureza das fontes”:

Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa. (GIL, 2008, p. 51).

A primeira será empregada para realizar o levantamento de teorias que possam embasar os estudos e análises, enquanto a documental focará os registros audiovisuais, em específico o *webdocumentário* pré-definido. A definição por estes tipos de pesquisa se apresenta mais apropriado para o tratamento do material que se quer desenvolver com a investigação analítica, considerando que dados como comentários *online* postados nos *webdocumentários* e até resenhas serão trabalhados com olhar analítico quanto aos efeitos de sentido e condições de produção, justificando-se a opção por tais métodos.

Além disso, o cunho interpretativista e qualitativo permeia as análises desenvolvidas. As metodologias pretendem desenvolver uma visão geral sobre o assunto e aprofundar conforme a questão de pesquisa demande. Assim, o uso sistemático dos métodos de pesquisa proporciona explicações conceituais que sustentarão as análises e discussão sobre a formação da identidade, objetivo principal da pesquisa.

O arquivo, que para a AD tem o papel de memória, ou seja, “[...] memória institucionalizada [...]” (ORLANDI, 2015, p. 45), será composto por um *webdocumentário* do canal *Brasil Paralelo*, que faz parte da série *Brasil – A Última Cruzada*, mais especificamente o capítulo 1, “*A Cruz e a Espada*”. O tema central da série é recontar a história do Brasil, que de acordo com os autores, trata-se de uma narrativa de fatos desconhecidos pela população brasileira. É contada a história da fundação de Portugal desde as invasões mulçumanas islâmicas por toda a Europa, que durante séculos dominou e submeteu suas conquistas a mortes ou situações de submissão.

A partir desse material, serão trabalhados como amostra comentários *online* de internautas na plataforma *Youtube* e possíveis resenhas sobre o audiovisual selecionado. Os nomes dos sujeitos envolvidos não serão expostos nas análises, para que seja preservada a identidade dos mesmos. Os comentários *online* serão escolhidos de acordo com a questão de pesquisa, ou seja, aqueles que apresentem marcas linguístico-discursivas que possam contribuir para uma análise que corrobore com os objetivos definidos. Os comentários na íntegra estarão expostos no Anexo 1 deste estudo, sendo que, para a análise, delimitaremos SDs (sequências discursivas) divididas em RDs (recortes discursivos), que apresentem pistas/marcas referentes à constituição da identidade social e discursiva do autor.

No que tange à construção do aporte teórico e à coleta de dados, estas serão realizadas em duas etapas. A primeira priorizará livros de autores clássicos de linhas teóricas que possam embasar estruturalmente a pesquisa, assim como teses, dissertações e artigos que também abordem os temas levantados. A segunda etapa se dará pela seleção dos comentários *online* na plataforma *Youtube* ou resenhas de internautas listados abaixo do audiovisual.

Primeiramente, a pesquisa será estruturada conceitualmente, abordando aspectos da nova linguagem aqui proposta, também a formação da identidade discursiva e social e, finalmente, a análise do discurso de orientação francesa, com base nos principais representantes da teoria, Michel Pêcheux e Eni Orlandi.

Espera-se que desse conjunto de análises possa originar-se um material profícuo para novas pesquisas que se desdobram em relação ao tema, mas, principalmente, que possamos compreender como os sujeitos constituem seus discursos a partir de narrativas interativas, assim como constituem a si próprios.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

“[...] Assim, essa redescoberta do passado, é parte do processo de construção da identidade que está ocorrendo neste exato momento e que, ao que parece, é caracterizado por conflito, contestação e uma possível crise. [...]”

Kathryn Woodward

A construção teórica desta pesquisa, que servirá como ancoragem para o desenvolvimento das análises, foi delineada a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso de linha franco-brasileira, de Orlandi e Pêcheux, principalmente.

Porém, além desse aporte teórico a ser utilizado como base para as análises, consideramos construtiva a breve menção a conceitos de outras áreas do conhecimento com as quais tivemos contato nos estudos sobre a linguagem, a produção de discursos na sociedade e a educação a distância, como, por exemplo: a delimitação do conceito de identidade à luz dos Estudos Culturais, de Bauman.

3.1 ANÁLISE DE DISCURSO

Em suas diferentes maneiras de se estudar a linguagem, a análise de discurso, doravante AD, busca “[...] compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história” (ORLANDI, 2015, p.13). Na AD, o olhar é voltado para o homem inserido na sociedade, percebendo sua história, cultura e condições de produção da linguagem, passando a análise para a exterioridade da linguagem a que se relaciona. A AD:

[...] como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é, assim, palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2015, p. 13).

A AD oferece ferramentas conceituais que podem analisar os acontecimentos discursivos “[...] na medida em que toma como objeto de estudos a produção de efeitos de sentido, realizada por sujeitos sociais, que usam a materialidade da linguagem” (GREGOLIN, 2007, p. 13), estando inseridos na história. Assim, o discurso passa a ser o lugar e a relação

entre a língua e a ideologia, ou seja, passamos para a materialização da língua no discurso, este na ideologia, que necessariamente existe pelo sujeito. Como define Pêcheux (2014), a “[...] ideologia interpela os indivíduos em sujeitos” e é assim que a língua faz sentido. Ao pensarmos nessa conceituação de Pêcheux (2014), temos que:

[...] em forma-sujeito (que é sempre historicamente determinada). A relação com a linguagem, da forma-sujeito característica das nossas formações sociais, é constituída da ilusão (ideológica) de que o sujeito é a fonte do que diz quando, na verdade, ele retoma sentidos preexistentes e inscritos em formações discursivas determinadas. (*apud* ORLANDI, 2008, p. 77).

Os sentidos sozinhos não dão conta de representar um significado; somente a partir de posições ideológicas é possível se constituir os sujeitos e seus sentidos. A ideologia perpassa a realidade cumprindo a função de interação da linguagem e o mundo, fortalecendo, com isso, a relação do sujeito com a história. Ou seja, sabe se que:

[...] a linguagem nos constitui, que ela opera em uma relação de dispersão e unidade (discurso e texto) e que todo uso da língua implica em diferentes formas de significação da própria língua e da constituição do sujeito. Nesse sentido, o discurso não pode ser imaginado linearmente, como uma linha que segue uma direção e que não apresenta rupturas; ele é dispersão, no sentido de que não está organizado em uma direção rumo a um ponto final, e constitui todas as relações que envolvem linguagem, tanto verbal quanto não verbal. (BRAGA; SENEM, 2017, p. 2686-2687).

Então, desde sua constituição o sujeito é dividido materialmente, sendo ele sujeito de uma constituição sócio-histórica que o afeta e o submete, para, assim, determinar os efeitos de sentido produzidos para se constituir e falar. Foucault (2008) afirma que o lugar que o sujeito ocupa o torna sujeito do que diz, porém, o modo como ocupa esta posição se torna inacessível, ele apenas tem contato com sua exterioridade (interdiscurso).

Neste ponto, trabalha-se com a definição de memória discursiva e interdiscurso, com o objetivo de demonstrar que, tudo aquilo que o sujeito fala como sendo de sua autoria já foi dito antes, isto é, “[...] todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2015, p. 31) passam para o “anonimato” formando, com isso, as palavras de uma nova voz. Essa memória discursiva torna possível a todo dizer, que é apresentado de outra forma, de acordo com a atual situação discursiva, ainda, é por meio do interdiscurso que o sujeito é afetado por todos os dizeres e passa a significar-se.

Então a conexão entre o já-dito e o que está se dizendo estabelece o nexo entre o interdiscurso e o intradiscurso, ou melhor, o eixo da formulação, a partir da perspectiva do dizível (ORLANDI, 2015). Pode-se, então, estabelecer formulações convergindo o eixo do dito

e esquecido (eixo vertical) com o eixo da elaboração e formulação (eixo horizontal). Dentro do saber discursivo, o interdiscurso apresenta um esquecimento de ordem estruturante, dividido em dois tipos.

Começamos com o esquecimento número dois, que é da “[...] ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2015, p. 33). Trata-se de um esquecimento parcial, que estabelece uma relação “natural” entre o objeto do discurso e a palavra, no qual se acredita que o dito tem apenas uma forma de ser falado, não podem ser utilizadas outras palavras, gerando uma impressão que é chamada de ilusão referencial.

O primeiro esquecimento produz, por meio da ideologia, a ilusão de que somos a origem do dizer, trata-se do esquecimento ideológico, da esfera do inconsciente. Assim, ao apontarmos que o esquecimento é estruturante não se quer dizer que não exista singularidade no que nos afeta e de como falamos, mas sim que somos atravessados pela língua e história de forma que não podemos ser o início de todo o discurso, e sim que ao nascermos somos inseridos nesse processo, não sendo, portanto, um esquecimento voluntário, mas sim necessário para que a produção de sentidos nos sujeitos se realizem. (ORLANDI, 2015).

Em relação ao dizer, temos os processos parafrásticos e polissêmicos, que lidam com a materialidade do discurso do ponto de vista do sedimentado e o deslocamento, do reconhecimento do sentido dado pelo autor, na paráfrase, e das múltiplas atribuições de sentido que conferimos ao texto, na polissemia. Temos que:

[...]a paráfrase é a matriz do sentido, pois não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo, e a polissemia é a fonte da linguagem uma vez que ele é a própria condição de existência dos discursos pois se os sentidos – e os sujeitos – não fossem múltiplos, não pudessem ser outros, não haveria necessidade de dizer. A polissemia é justamente a simultaneidade de movimentos distintos de sentido no mesmo objeto simbólico. (ORLANDI, 2015, p. 36).

O que vemos acontecendo entre a paráfrase e a polissemia é a confrontação entre o simbólico e a política “todo dizer é ideologicamente marcado. É na língua que a ideologia se materializa [...] o político e o linguístico se inter-relacionam na constituição dos sujeitos e na produção dos sentidos, ideologicamente assinalados[...]” (ORLANDI, 2015, p. 36).

Partindo da afirmação de que “[...] o discurso é uma dispersão de textos e o texto é uma dispersão do sujeito” (PÊCHEUX, 2014), temos então um texto atravessado por várias posições do sujeito. São exatamente estas posições que permitem uma análise quanto às condições de

produções dos discursos, sendo estas uma implicação do que “[...] é material (a língua sujeita a equívocos e a historicidade), o que é institucional (a formação social, em sua ordem) e o mecanismo imaginário” (ORLANDI, 2015, p. 38). Em particular no campo imaginário, é a imagem do sujeito e objeto do discurso que carrega a posição ora de locutor, ora de interlocutor e às vezes de objeto do discurso.

Os fatores que estabelecem as condições de produção se apresentam em mecanismos de relação de sentidos, de modo que um discurso se refere a outro, ou ainda:

Os dizeres não são, como dissemos, apenas mensagens a serem decodificadas. São efeitos de sentidos que são produzidos em condições determinadas e que estão de alguma forma presentes no modo como se diz, deixando vestígios que o analista de discurso tem de aprender. (ORLANDI, 2015, p. 28)

Assim, componentes como sujeitos (na posição de leitor ou autor), a ideologia, os diferentes tipos de discurso, a diferenciação entre a paráfrase e a polissemia, estruturam a base para as condições de produção do discurso (ORLANDI, 2015).

São fatores como o mecanismo da antecipação, que possibilita ao locutor verificar quais efeitos de sentido o discurso atravessará seu interlocutor, com isso antecipa-se as possíveis reações deste. Também operam dentro das condições de produção as relações de forças, noção que toma como prerrogativa que a posição de onde o sujeito fala será determinante para a significação de modos diferentes dentro do discurso, ou seja, a posição que se ocupa ao dizer influenciará positiva ou negativamente a materialidade do discurso, tem-se a hierarquização das relações sustentadas pelo poder ocupado pelo sujeito em diferentes lugares e situações de discursividade (ORLANDI, 2015).

Sustentando estes mecanismos, temos a formação imaginária, que delimita o lugar da posição, pois não é o lugar ocupado pelo sujeito que determina seu discurso, mas sim a imagem que este constrói estabelecendo a posição no discurso, assim “[...] as condições de produção estão presentes nos processos de identificação dos sujeitos trabalhados nos discursos. E as identidades resultam desses processos de identificação, em que o imaginário tem sua eficácia” (ORLANDI, 2015, p. 39). Assim, a conjuntura sócio-histórica que o sujeito no papel de locutor ou interlocutor ocupa é que faz a linguagem funcionar, interpelando os sujeitos a produzir efeitos de evidência e de unidade, apresentando a ideologia como um processo de naturalização dos sentidos, ou seja: [...]ideologia não se define como o conjunto de representações, nem menos ocultação de realidade. Ela é uma prática significativa. Necessidade da interpretação, a ideologia não é consciente: ela é efeito da relação do sujeito com a língua e com a história em sua relação necessária para que se signifique [...] (ORLANDI, 2001, p. 48)

Verificamos com isso que a ideologia não é feita de “ideias” mas de práticas, não é reproduzida com o tempo e a “mentalidade” da época, ou melhor os costumes, também não

significa que ela é homogênea impondo-se de maneira igual a todos, tampouco que a “mais forte” se sobrepõe à outra, mas o que se pode entender é que o sujeito é constituído pela Ideologia, sendo o indivíduo sempre um “já-sujeito”, evidenciando-o como único, insubstituível e idêntico a si mesmo (PÊCHEUX, 2014)

Partindo do entendimento de que o sentido se estabelece a partir de posições ideológicas, em um recorte sócio-histórico, a formação discursiva se dará no que pode e deve ser dito, ou melhor, o dito precisa estar inscrito em uma determinada formação para que possa fazer sentido. Foucault em sua *Arqueologia do Saber* (2008, p. 136), aponta uma introdução da noção de formação discursiva da qual Pêcheux partiu para a construção de sua teoria:

Descrever enunciados, descrever a função enunciativa de que são portadores, analisar as condições nas quais se exerce essa função, percorrer os diferentes domínios que ela pressupõe e a maneira pela qual se articulam é tentar revelar o que se poderá individualizar como formação discursiva, ou, ainda, a mesma coisa, porém na direção inversa: a formação discursiva é o sistema enunciativo geral ao qual obedece um grupo de *performances* verbais - sistema que não o rege sozinho, já que ele obedece, ainda, e segundo suas outras dimensões, aos sistemas lógico, linguístico, psicológico. O que foi definido como "formação discursiva" esconde o plano geral das coisas ditas no nível específico dos enunciados. As quatro direções em que a analisamos (formação dos objetos, formação das posições subjetivas, formação dos conceitos, formação das escolhas estratégicas) correspondem aos quatro domínios em que se exerce a função enunciativa.

Assim, em “uma formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito” (ORLANDI, 2015, p. 41). Mas, ainda se faz necessário definir a constituição dos sentidos nos discursos, pois as palavras por si só não possuem sentido, mas precisam estar inscritas em uma formação discursiva. Temos então os traços ideológicos produzindo seus efeitos e contradição, assim, a ideologia se dá dentro da discursividade, concretizando-se em discurso. Com isso, temos o indivíduo sendo interpelado em sujeito pela ideologia, podendo esta última ser estabelecida sob o prisma de efeitos ideológicos, nos quais evidenciam as identidades de quem de fato é o “eu” do discurso, apagando o efeito que resultaria de uma identificação que o constitui ideologicamente em diferentes formações discursivas.

A partir das formações discursivas, chega-se à resignificação da noção de ideologia do ponto de vista discursivo e de seus atravessamentos históricos sociais, comecemos por entender que:

O fato mesmo da interpretação, ou melhor, o fato de que não há sentido sem interpretação, atesta a presença da ideologia. Não há sentido sem interpretação e, além disso, diante de qualquer objeto simbólico o homem é levado a interpretar [...] o sentido aparece-nos como evidência, como se ele estivesse já sempre lá. [...] Naturaliza-se o que é produzido na relação do histórico e do simbólico. Por esse

mecanismo – ideológico – de apagamento da interpretação, já transposição de formas materiais em outras, construindo-se transparências – como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura, sua opacidade – para serem interpretadas por determinações históricas que se apresentam como imutáveis, naturalizadas. Este é o trabalho da ideologia: produzir evidência, colocando o homem na relação imaginária com suas condições materiais de existência. (ORLANDI, 2015, p. 43 – 44)

Como já apontado anteriormente, o indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia, constituindo, assim, condições favoráveis para que a ideologia se estruture, e receba sentidos por meio das formações discursivas, recebendo as palavras seus sentidos e determinando os efeitos da memória discursiva. O papel da ideologia não é o de ocultação, mas o de criação de relação da linguagem com o mundo, retratando “os efeitos imaginários de um sobre o outro” (ORLANDI, 2015, p. 45).

A perspectiva traçada entre ideologia e interpretação só é possível mediante a intervenção histórica através da opacidade, do equívoco e a densidade material do que se quer significar, gerando a necessidade da interpretação regulada, sendo garantida por dois aspectos da memória, o arquivo, ou memória institucionalizada, e o interdiscurso, a memória constitutiva. A prática de interpretação ocorre entre estes dois aspectos, que poderão tanto estabilizar quando deslocar os sentidos, o que então nos leva a pensar em diferentes formas da ideologia se formatar a fim de precisar as formações ideológicas, como segue:

Compreende-se, então, por que em sua materialidade concreta, a instância ideológica existe sob a forma de *formações ideológicas* (referidas aos aparelhos ideológicos de estado), que, ao mesmo tempo, possuem um caráter “regional” e comportam posições de classe: os “objetos” ideológicos são sempre fornecidos ao mesmo tempo que a “maneira de se servir deles” – seu “sentido”, isto é, sua orientação, ou seja, os interesses de classe aos quais eles servem -, o que se pode comentar dizendo que as ideologias práticas são práticas de classes (de luta de classes) na Ideologia. Isso equivale a dizer que não há, na luta ideológica (bem como nas outras formas da luta de classes). “posições de classe” *que existam de modo abstrato e que sejam então aplicadas* aos diferentes “objetos” ideológicos regionais das situações concretas, na Escola, na Família, etc. (PÉCHEUX, 2014, p. 132)

Então, temos a forma histórica do sujeito, ou seja, ele é produto histórico, no qual o discurso é límpido e reflexo da realidade, assujeitando essa estrutura de forma que pareça que o sujeito é a base primitiva na sua historicidade, exercendo diferentes formas de poder. Assim, para alcançar a literalidade dentro de uma formação ideológica, o dizer precisa passar pela memória e pelo esquecimento. (ORLANDI, 2015).

Ao criar-se a condição de liberdade ao sujeito, para que este produza seus sentidos e trabalhe em diversas formações discursivas, mas ao mesmo tempo estabelecendo limites de responsabilidades, estamos determinando as bases para o assujeitamento, conceito que na AD pressupõe um sujeito que é instrumento atravessado por uma ideologia histórica instituída na

condição de produção discursiva dada (ORLANDI, 2015).

Desse modo, a construção das crenças, valores e suas singularidades, que seriam permeados pela instalação de sua opinião ao que é dito, o interno; relacionando-se com o mundo social, externo, marcando a subjetividade intrínseca ao sujeito, que:

[...] deixa de ser considerado como eu-consciência *mestre do sentido* e seja reconhecido como *assujeitado do discurso*: da noção da subjetividade ou intersubjetividade passamos assim a de assujeitamento. O efeito-sujeito aparece então como o resultado do processo de assujeitamento e, em particular, do assujeitamento discursivo”. (PÊCHEUX, 2015, p. 156)

Como os sujeitos são sociais e seus sentidos são históricos, os discursos se contrastam, e as identidades são, portanto, construções discursivas, ou mais precisamente:

Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas, como a de mulher, homem [...] escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em constante processo de transformação, responsáveis, em última instância, pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso [...] (SANTOS, 2000, p. 135)

As identidades não são rígidas nem tampouco acabadas, mas sim produzidas do exterior por um trabalho discursivo constante, não podendo ser redutivo e passivo, do ponto de vista de sua construção e reconstrução, ela é remodelada e fabricada de acordo com a formação discursiva, reapropriando-se e adaptando seus dizeres para a produção de sua singularidade. Para Orlandi (1998, p. 206):

Sujeito e sentidos se configuram ao mesmo tempo e é nisto que consistem os processos de identificação [...] identificamo-nos com certas idéias, com certos assuntos, porque temos a sensação de que eles ‘batem’ com algo que temos em nós. Ora este algo é o que chamamos de interdiscurso, o saber discursivo, a memória dos sentidos que foram se constituindo em nossa relação com a linguagem. Assim nos filiamos a redes de sentidos, nos identificamos com processos de significação e nos constituímos como posições de sujeitos relativas às formações, em face das quais os sentidos fazem sentidos

Portanto, tomamos a análise de discurso definida por estes autores como fonte de estruturação para produzir material que reflita sobre a identidade formada por internautas que estabeleceram uma interação com a narrativa, de acordo com o *corpus* delimitado.

3.2 A IDENTIDADE SOB O OLHAR DOS ESTUDOS CULTURAIS

Pensar a identidade no mundo contemporâneo nos remete a um duplo deslocamento:

primeiro, do sujeito frente ao seu local social e cultural, segundo, do sujeito em si mesmo. Temos uma identidade que não está pronta e estabelecida desde o nascimento, mas sim uma constante busca e construção diária de novas identidades. Assim, estas identidades “[...] adquirem sentido por meio da linguagem e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (WOODWARD, 2000, p. 8), atuando simbolicamente para classificar o mundo e as relações em seu interior (HALL, 1997), demonstrando o quanto a identidade é relacional e dependente da diferença para existir, ou seja, precisa de uma marcação simbólica relativa a outras identidades, resultando em processos sociais e simbólicos diferentes que permeiam a construção e manutenção das identidades.

O processo simbólico é o caminho no qual damos sentido a práticas e relações sociais, definindo, por exemplo, o sujeito incluído e o excluído. Enquanto no processo de diferenciação social as classificações da diferença são vivenciadas em relações sociais, assim:

[...] a identidade depende da diferença. Nas relações sociais essas formas de diferenças são estabelecidas por meio de sistemas classificatórios. Um sistema classificatório aplica um princípio de diferença a uma população de uma forma tal que seja capaz de dividi-la em, ao menos, dois grupos opostos – nós/eles (por exemplo, sérvios e croatas); eu/outro. (WOODWARD, 2000, p. 40).

Como ponto de partida para compreender a identidade sob um olhar cultural, deve-se pensar a questão de quem e o que nós representamos quando falamos, estando o sujeito a falar a partir de uma posição histórica e cultural. Para Hall (1997) há duas formas diferentes de se pensar a identidade social: primeiro com a recuperação do passado, unindo passado em uma história social partilhada; segundo uma concepção social em que tanto ‘tornar-se’ quanto ‘ser’, reconstrói o passado, que sofre constantes transformações.

Os significados culturais que atribuímos nas nossas vidas, são fatores determinantes de como as identidades são encaradas. O olhar que a sociedade lança sobre determinado aspecto social, influenciará positiva ou negativamente nossas relações sociais, portanto, “[...] a identidade é instável, contraditória, fragmentada, inconsistente, inacabada [...] está ligada a estruturas discursivas, narrativas, e a [...] sistemas de representação. A identidade tem estreitas conexões com relações de poder” (SILVA, 2000, p. 96).

Não se tratando, aqui, da identidade e diferença como objeto de disputa por grupos sociais, mas sim da concorrência por recursos simbólicos e materiais privilegiados da sociedade. Ainda, pode-se afirmar que “onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença – aí está presente o poder” (SILVA, 2000, p. 81); sendo a diferenciação o movimento central no qual a identidade e a diferença são concebidos.

Percebe-se até agora que a diferença é determinante para a constituição das identidades, sendo, por sua vez, uma espécie de classificação, criando fronteiras simbólicas entre os sujeitos, ainda, estabelece por meio da oposição binária/relacional entre eu / outro um referencial para reconhecimento, permitindo, portanto, a inclusão de outros membros, assim como estabelecendo parâmetros para exclusão. Dentro dessa conceituação é como se um grupo representasse a norma e o outro o desvio. (WOODWARD, 2000). Nesse sentido, então, reconhecemos a alteridade presente no discurso exercendo a voz do outro subordinada à identidade do “eu”. Falamos da constituição de dizeres que, por meio da interdiscursividade, apresentam o dito do outro esquecido, mas incorporado ao discurso de todos; quanto mais forte a consciência do outro no eu, mais clara fica a própria consciência identitária, como fala Charadeau (2009): “existe o outro e existo eu, e é do outro que eu recebo o eu”.

Ainda nesse entendimento, a autora faz a ligação da identidade com a subjetividade, sendo esta a compreensão do eu, que envolve pensamentos pessoais e sentimentos que constituem quem somos. Mas, a teoria aponta que, mesmo os pensamentos tendo caráter individual, eles só ganham significado nos contextos sociais, quando os adaptamos por meio dos atos da linguagem.

Corroborando com o que foi falado até o momento, cabe, ainda, acrescentar o olhar de Bauman (2005) quanto à conceituação, que discute a identidade negativa em uma concepção de que o indivíduo congrega múltiplas identidades, a saber:

O anseio por identidade vem do desejo de segurança, ele próprio um sentimento ambíguo. Embora possa parecer estimulante no curto prazo, cheio de promessas e premonições vagas de uma experiência ainda não vivenciada, flutuar sem apoio num espaço pouco definido, num lugar teimosamente, perturbadoramente nem-um-nem-outro, torna-se, a longo prazo, uma condição enervante e produtora de ansiedade. Por outro lado, uma posição fixa dentro de uma infinidade de possibilidades também não é uma perspectiva atraente. Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa, é algo cada vez mais malvisto. (BAUMAN, 2005, p.35).

Dessa perspectiva, o autor aponta para identidades momentâneas, em virtude da modernidade líquida¹, posicionando-se no âmbito da crise, onde manter uma postura calcada na imutabilidade não é convidativo, tendo em vista que os sujeitos apresentam diversas identidades, podendo em algum momento entrar em conflito, justamente por sua natureza

¹ BAUMAN utiliza o termo “modernidade líquida”, para fazer uma contraposição à ideia de “modernidade sólida” do período moderno – período em que tudo era criado a partir de uma ordem universal. Com o uso do termo, o teórico quer apontar para a ideia de não-imutabilidade das coisas no mundo pós-moderno, onde tudo, inclusive a identidade, apresenta-se como fluido, líquido, mutável.

fluida.

O que se depreende até o momento é a consonância entre o entendimento de um sujeito culturalmente envolvido com a sociedade, que é interdependente da troca e do estabelecimento das diferenças para a formação de sua identidade discursiva, social e cultural, somente podendo ser visto a partir do cenário em que está incluso e do qual experiencia. Faz-se necessário apontar com mais clareza o entendimento quanto à diferença entre as identidades social e discursiva, pois cada uma apresenta particularidades que contribuem para a formação do conceito aplicado neste trabalho.

A identidade social necessita ser reiterada, reforçada, recriada ou, do contrário, ocultada pelo comportamento linguageiro do sujeito falante, e a identidade discursiva, para se construir, necessita de uma base da identidade social, ou seja, para a plena existência de uma é preciso que a outra faça seu papel, assim o sujeito será entendido em seu discurso como possuidor do seu dizer (CHARAUDEAU, 2009). Sendo a identidade social impregnada de traços psicológicos, é algo que foi atribuído, pré-construído, assim ela é “[...] parte determinada pela situação de comunicação: ela deve responder à questão que o sujeito falante tem em mente quando toma a palavra: “Estou aqui para dizer o quê, considerando o status e o papel que me é conferido por esta situação?” (CHARAUDEAU, 2009, p. 315).

Por outro lado, a identidade discursiva se constrói com base nos modos de tomada da palavra, na organização enunciativa do discurso e na manipulação dos imaginários sócio-discursivos (CHARAUDEAU, 2009). Ela é particularmente construída pelo sujeito na relação de poder e sentido estabelecido no discurso, recuperando credibilidade e dizeres que lhe atravessaram.

Assim, quando pensado o sujeito histórico-cultural que atua conforme o meio no qual está inserido, agindo de acordo com as relações de poder requeridas, tem-se a construção de uma identidade que congrega em si possibilidades de ressignificação conforme a posição ocupada pelo sujeito requer.

4 NARRATIVAS INTERATIVAS E *WEBDOCUMENTÁRIOS*

“[...] Se de fato as escolhas dadas ao usuário estão partindo do artefato digital, a cada clique o usuário e o documentário, co-emergem e reconstituem-se (comportamento autopoietico). Durante este encontro rítmico, onde o usuário escolhe e o algoritmo re-calcula novas opções, ambos mudam suas identidades e se re-singularizam [...]”

Sandra Gaudenzi (tradução nossa)

Neste ponto, refletimos sobre as novas linguagens provenientes principalmente de avanços tecnológicos e meios inovadores de produção de textos. As narrativas interativas permitem o diálogo, a intervenção e a construção coletiva de saberes. O *webdocumentário* é um gênero atual, produtivo e dinâmico, que deve ser investigado e, conseqüentemente, incorporado em meios educacionais para fins de ensino-aprendizagem. Nessa pesquisa, focamos no *webdocumentário* como exemplo de narrativa interativa que pode ser base para a constituição de discursos pelos sujeitos.

4.1 NOVA LINGUAGEM: *WEBDOCUMENTÁRIOS* E NARRATIVA INTERATIVA

Vivemos em meio a uma revolução digital que facilita a promoção da universalização do conhecimento e a socialização das relações. Os avanços tecnológicos contribuíram para a evolução dos meios que tradicionalmente eram responsáveis por manter a sociedade informada, como a televisão, o rádio, os impressos. Com o advento da *internet*, por meio das mídias sociais, os indivíduos congregam suas expectativas, opiniões e aprendizados. Os repositórios de vídeos como, por exemplo, os documentários, foram incluídos nessa nova tendência interativa. (BAUER, 2010).

As diferentes formas de relacionamento e interatividade que indivíduos estabelecem atualmente sofrem, constantemente, as interferências da *internet*, cujo acesso é facilitado e popularizado pela banda larga e telefones portáteis. Dia após dia despontam avanços tecnológicos, assim como as transformações nos hábitos de consumo, que alteram as novas publicações e narrativas. Do ponto de vista da criação, houve o barateamento dos equipamentos de captação, formas de edição de imagens facilitadas com aplicativos disponíveis gratuitamente e tutoriais que permitem a leigos editarem com qualidade profissional. (BAUER, 2010).

A difusão e distribuição das obras encontraram outros repositórios, saindo da

polarização cinema/televisão, aguçando a busca por narrativas diferenciadas, assim como o perfil do público que se diferencia em alta velocidade, estando sempre em busca da novidade e consumindo informações tanto em quantidade quanto em qualidade. Toda esta mutabilidade promovida pela *internet* e suas novas tecnologias dificulta a definição precisa dessas novas ferramentas e linguagens.

Diante do panorama exposto, buscamos conceituar o *webdocumentário* de acordo com os entendimentos acerca dessas novas formas de produção de narrativas moldadas pelas tecnologias de informação e comunicação. Bauer (2018, p.1, grifos nossos), define o *webdocumentário* como:

[...] um componente do que podemos chamar de **novas narrativas interativas**. Trata-se de um esforço de produtores e realizadores de buscar outras formas de contar histórias que aproveitem as capacidades técnicas dos dispositivos modernos – celulares, tablets, computadores, óculos de realidade virtual etc. Além dos *webdocumentários*, reportagens multimídia, vídeos em 360 graus e experiências de realidade virtual são outros exemplos de novas **narrativas interativas**.

Por se tratar de tema recente, como já dito, que é atravessado por mudanças quase que diárias, a precisão do entendimento sobre o assunto pode oscilar. De acordo com definição de Bauer (2010), no *site Webdocumentários*², propõe-se que:

Webdocumentário é uma nova forma de contar histórias pela internet que tem como ponto de partida a mistura de diferentes formatos: textos, áudios, vídeos, fotos, ilustrações e animações. O *webdocumentário* se aproveita da linguagem documental criada para o cinema e para a televisão e a adapta para a *web*. Acrescenta a capacidade de interação e participação típicas da *web* e rompe com a linearidade da narrativa, já que o internauta pode escolher o que ver e em que ordem ver. (BAUER, 2010).

O site é uma iniciativa da empresa *Cross Content*, que tem por objetivo, além de promover suas produções autorais, disseminar o conceito sobre a nova linguagem, assim como servir de portal para outras produções e o compartilhamento de ideias e informações.

Em nossa pesquisa trabalhamos a não linearidade que está presente em narrativas interativas como o *webdocumentário*, pois a ordem de acesso às informações “[...] pode ser ditada ou parcialmente ditada pelo consumidor, por meio de suas escolhas ao interagir com a interface.” (BAUER, 2011, p. 93).

Então, os *webdocumentários* são “[...] um projeto concebido e difundido pela internet [...]” (BAUER, 2018, p. 92), uma espécie de multimídia que engloba textos, áudios, vídeos,

²webdocumentario.com.br

fotos, ilustrações e animações sobre diferentes temas, que permitem ao internauta o total controle de navegação assim como interação e participação. Normalmente o tema está associada a produtos culturais, passando por assuntos de interesse público, ou seja, o perfil tradicional dos documentários é preservado quanto apenas aos temas abordados. Segundo Gaudenzi (2013, p. 32, tradução livre), a diferença essencial entre um documentário linear e o interativo:

não é a passagem da tecnologia analógica para a digital, mas a passagem da narrativa linear para a interativa. Tanto o documentário interativo quanto o linear tentam criar um diálogo com a realidade, mas as mídias que usam possibilitam a criação de diferentes produtos. Se o documentário linear demanda uma participação cognitiva (o ato de interpretação) de seus espectadores, o documentário interativo acrescenta a demanda de participação física (decisões traduzidas em ato físico como clicar, mover, falar, comentar etc.). Se o documentário linear é baseado em vídeo ou filme, o interativo pode usar qualquer mídia existente. Se o documentário linear é visto através de uma tela, os interativos podem ser vistos, ou explorados, em movimento no espaço físico ou aumentado.

Neste ponto, vale destacar uma característica bastante importante sobre os *webdocumentários*: por ser um produto construído de forma interativa pelo internauta, por mais que o autor-criador possa ter definido a identidade do conteúdo, formatando efeitos de sentido que desejavam apresentar ao público, o internauta, ainda sim, consegue, por meio de sua interação e excursão, conforme sua vontade, criar outras identidades culturais, conforme sua formação discursiva no momento. O modo interativo, portanto, coloca “[...] o internauta/espectador em uma situação de destaque, mais ativa do que nos documentários tradicionais” (BAUER, 2010, p. 92).

Outra característica destacada é a utilização de fotografias estáticas com narração *off*, além de um trabalho proeminente com animações. Os textos passam a ser coadjuvantes, mas assumindo um papel importante na narrativa falada, na interatividade resultante do trabalho.

Percebe-se, ainda, que, apesar de seu formato multimídia, o tema é “fechado”; a abordagem é feita de forma específica, e, mesmo quando é composto por capítulos, ainda assim, segue uma mesma temática. E o mais importante de tudo é o formato de não linearidade tradicionalmente adotado pelo cinema e pela televisão, pois estes novos formatos de *webdocumentários* permitem ao internauta escolher o que vai assistir e em que ordem, passando a ser coautor por meio de seus comentários *online* na plataforma *Youtube* e participação. Em resumo, “[...] o *webdocumentário* está para a narrativa não ficcional assim como a *web 2.0* está para os portais tradicionais. Trata-se de uma nova forma de contar histórias, um novo jeito de interagir, um novo espaço para pensar a produção de informação on-line.” (BAUER, 2010).

Ainda, encontramos uma breve definição no que se refere às narrativas interativas,

termo que, de acordo com o site, trata-se de uma expressão abrangente que tem por finalidade buscar histórias em meios interativos, que integram conteúdos audiovisuais, textos, dados, interação para chamar atenção do internauta de forma inovadora. O propósito é contar diferentes tipos de histórias, geralmente não ficcionais (BAUER, 2019). Ainda, segundo Gaudenzi (2013, p.81), “[...] A mídia interativa, e mais precisamente as formas narrativas interativas, estão levando adiante uma visão construtivista da realidade - onde o usuário é ativo em construir sua própria realidade e conhecimento.”

As narrativas interativas buscam a inscrição na realidade de uma construção social, organizando experiências, recorrendo a posições morais e precisando da razão para se significar. Passando para a interatividade, as narrativas se constituem de possibilidades de escolha e troca entre o internauta e o autor. Cria-se, neste caso, uma relação tanto de coautoria, onde o internauta pode exercer o papel de autor quando complementa a narrativa por meio de interações de escolha do que assistir e em qual sequência, e na produção de comentários *online* que introduzam conceitos e observações que enriqueçam a mídia. Também na interação quando da posição de reconstituição de sua discursividade, que, neste caso, ainda por meio de comentários tanto em fóruns quanto no próprio repositório, o internauta se posiciona negando ou aceitando a narrativa.

Tendo como base as definições de *webdocumentário* e narrativas interativas, é possível estabelecer um ponto de partida para desenvolver as análises dos comentários. Percebemos, a partir dos apontamentos aqui explanados, que o *webdocumentário A Cruz e a Espada* segue uma narrativa linear, formatado seguindo um roteiro prévio, sem um índice inicial (mas com divisão em capítulos da série) que possibilite ao internauta escolher por onde quer iniciar a sua interação, mas, ainda assim o formato interativo pode ser verificado por meio da escolha na barra de tempo do *webdocumentário*, que possibilitará a interação por qualquer tempo que melhor se enquadre às necessidades do espectador. Além disso, também pode-se verificar a interatividade da narrativa por meio da atuação dos internautas nos comentários, que ocorrem em diferentes momentos, mas produzem interação quanto a autoria e constituição de identidades.

5 A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS E DISCURSIVAS EM NARRATIVAS INTERATIVAS

“[...] Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento [...].”

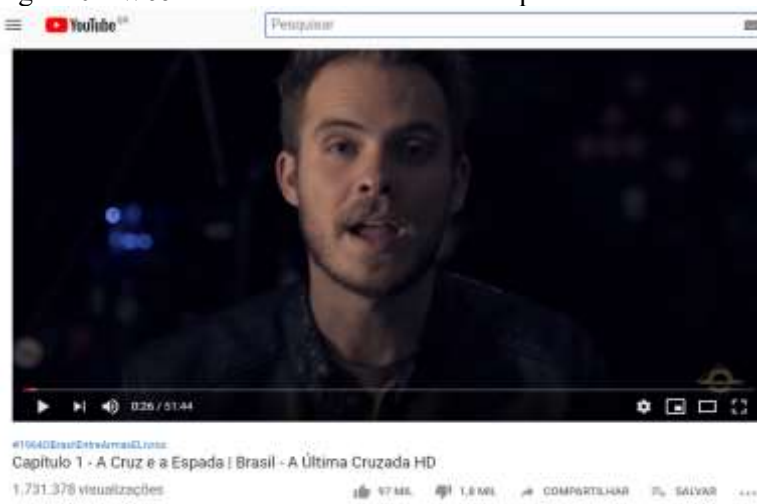
Sigmund Bauman

A seguir, desenvolvemos as análises de marcas linguístico-discursivas que emergem a constituição das identidades sociais e discursivas dos sujeitos por meio de comentários *online* postados no repositório *Youtube* no *webdocumentário A Cruz e a Espada*, em um processo de interação com a narrativa apresentada. Primeiramente, apresentamos, de forma geral, o documentário; em seguida, procedemos as análises dos comentários *online* dos internautas.

5.1 O WEBDOCUMENTÁRIO COMO NARRATIVA INTERATIVA

A base para o desenvolvimento analítico deste trabalho é o *webdocumentário* do canal *Brasil Paralelo*, que faz parte da série *Brasil – A última cruzada*, mais especificamente o capítulo 1, *A Cruz e a Espada* (Figura 01).

Figura 01: *Webdocumentário “A Cruz e a Espada”*



Fonte: *Youtube*.

O tema central da série é recontar a história do Brasil, de acordo com os autores. Trata-

se de uma narrativa de fatos desconhecidos pela população brasileira. É contada a história da fundação de Portugal desde as invasões mulçumanas islâmicas por toda a Europa, que durante séculos dominou e submeteu suas conquistas a mortes ou situações de submissão. A seguir, no Quadro 01, expomos alguns dados sobre o *webdocumentário A Cruz e a Espada*:

Quadro 01: Dados sobre o *webdocumentário*

Informação	Dado
Série	Brasil – A última Cruzada
Capítulo 1	<i>A Cruz e a Espada</i>
Tempo	51min45
Repositório	<i>Youtube</i>
Categoria de Classificação	Educação
Publicação	20/09/2017
Visualizações	1.712.585
Comentários <i>online</i>	6.850

Fonte: A autora.

O *webdocumentário* apresenta diversos componentes, como áudio, imagens, fotografias, animações, mapas, narrador, entrevistas, entre outros. Como pode-se observar nas Figuras 02, 03, 04 e 05, o *webdocumentário A Cruz e a Espada* apresenta diversos artifícios em sua composição.

Figura 02: Entrevistas



Fonte: *Youtube*

Figura 03: Imagens



Fonte: *Youtube*

Figura 04: Ilustrações



Fonte: *Youtube*

Figura 05: Mapas



Fonte: *Youtube*.

A interação do público com uma narrativa interativa pode ocorrer de formas variadas, dependendo do interesse da audiência, da empatia e do modo como o internauta entende a obra e é tocado por ela.

Na não-linearidade possível durante a visualização do documentário, definida por pausas, redação ou leitura de comentários *online* deixados na plataforma *Youtube*, regressões ou progressões na barra de tempo, temos o internauta assumindo a função de “[...] montador. É ele quem transita, por sua conta e risco, entre os diversos blocos de ‘total descontinuidade do campo visual’, montando assim seu próprio significado da obra.” (BAUER, 2011, p. 93).

O primeiro capítulo inicia-se com o narrador apontando questões identitárias que serão trabalhadas ao longo da série, como se vê:

Você está prestes a conhecer uma história de sacrifício, virtude e coragem, que por muito tempo nos foi negada. Reunimos mais de 50 especialistas para produzir a maior série já feita na história do Brasil, você está prestes a assistir uma narrativa séria sobre a sua história. (Narrador *webdocumentário A Cruz e a Espada*, 2018).

Podemos verificar que a linguagem utilizada busca criar uma ligação com o sujeito. Nesse sentido, conforme Orlandi (2015), o discurso pode aparecer de forma cristalizada como se não estivesse passível de falhas, mas sim representando a realidade. Além disso, pode-se ainda submeter o enunciado dito sob o viés da autoria, pois “[...] como autor, o sujeito ao mesmo tempo em que reconhece uma exterioridade à qual ele deve se referir, também se remete a sua interioridade, construindo desse modo sua identidade [...]” (ORLANDI, 2015, p. 74).

5.2 O SUJEITO E A INTERAÇÃO: A CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE SOCIAL E DISCURSIVA

Tomando por base a questão de pesquisa adotada para este estudo: de que forma a interação com uma nova linguagem - como os *webdocumentários*, no papel de narrativas

interativas - pode contribuir para a constituição da identidade social e discursiva dos sujeitos?, faz-se necessária a delimitação de um *corpus*. Optamos, então, pela divisão do gesto analítico em Recortes Discursivos, doravante RDs, compostos por Sequências Discursivas, doravante SDs. Cabe então, a exposição do conceito de recorte discursivo definido por Orlandi (1984, p. 14), que define RD como “[...] uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem e situação. Assim um recorte é um fragmento de situação discursiva”. A partir disso, e delineando o conceito de SD, entendemos, então, que “[...] efetuamos nosso gesto de recortar sequências discursivas, ou seja, nosso gesto arqueológico de relacionar sequências linguísticas a uma memória” (MITTMAN, 2007, p. 154).

Entendendo a particularidade que tem-se com o arquivo que será utilizado, os comentários *online* de internautas na plataforma *Youtube*, dada a sua fragilidade quanto a segurança de recuperação e grande número de informações que fogem ao escopo da pesquisa, optou-se por Recortes Discursivos (RDs) que atendam à questão principal levantada, que é a formação da identidade discursiva e social. Diante do levantamento feito, conforme Quadro 01, pode-se verificar que existe um número considerável de comentários, porém, em sua maioria, seguem uma linha de elogiar o trabalho realizado pelos autores, enquanto outros são discussões político-ideológicas.

Assim, inicialmente, foi realizado um levantamento do *corpus* de pesquisa levando em consideração a classificação do repositório quanto aos itens de maior relevância, que apresenta primeiramente os comentários com maior número de repostas. É possível notar que, além desta classificação, o repositório também realiza uma classificação quanto ao conteúdo, porém não existe nenhuma definição concreta de como esta é realizada, se por alguma palavra-chave ou por análise geral do conteúdo, mas é nítido que existe uma regra mais detalhada para tal classificação.

Os comentários foram selecionados obedecendo a critérios que atendessem à questão norteadora, em um gesto de interpretação orientado para a análise, portanto, foram analisados os comentários que tinham relação semântica com a formação identitária que seus internautas tenham expressado em seus textos, mesmo que neles não ocorra de forma explícita a palavra “construção”, “identidade” e “discursiva”, mas que em sua composição haja pistas ou marcas linguístico-discursivas que possam produzir os efeitos de sentido que permeiam o objeto desta pesquisa.

Desta forma, Organizamos, primeiramente, o Quadro 02, que demarca os RDs construídos.

Quadro 02: Recortes Discursivos (RDs)

RECORTES DISCURSIVOS (RDs)
Recorte Discursivo 1 (RD 1) – As relações de força e as formações imaginárias
Recorte Discursivo 2 (RD 2) – A alteridade
Recorte Discursivo 3 (RD 3) – O interdiscurso
Recorte Discursivo 4 (RD 4) – A metáfora
Recorte Discursivo 5 (RD 5) – A identidade e a subjetividade

Fonte: A autora.

Ao realizar o gesto interpretativo no *corpus* definido, os comentários compõem um recorte que demonstra, na superfície linguística, condições de produção e um interdiscurso no qual os sujeitos e as situações produzem efeitos de sentido que trabalham na constituição identitária do sujeito, contribuindo em um contexto imediato (no sentido estrito); e o contexto sócio-histórico e ideológico (sentido amplo).

Nesse viés, a antecipação atua no imaginário por meio da troca de palavras, assim, percebe-se que, de forma generalizada, os comentários demonstram que a imagem que se tinha de si era uma reprodução de um consciente coletivo de afastamento da história contada no âmbito social, que, no entendimento dos sujeitos foi deturpada para atender a uma ideologia.

Explorando as condições de produção, é possível analisar que os processos de identificação dos sujeitos são desenvolvidos nos discursos, o que resulta na criação da identidade deste, implicando no ponto de vista institucional que se dá conforme a formação social, ou seja, a ideologia impregnada na sociedade até o momento. Também fatores materiais com a língua sujeita à historicidade, pressupõem condições de produção que necessitam de uma análise quanto aos equívocos que constituem a linguagem por fatores socioculturais que mediante ao tempo são absoldidos pela sociedade e representado em suas identidades. Entendemos, nessa perspectiva, que:

[...] as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado “positivo” de qualquer termo – e assim, sua “identidade” – pode ser construído (HALL, 2000, p. 110 – grifos do autor)

Em nossa análise, as condições de produção podem ser avaliadas sob dois pontos de vista; no primeiro, em sentido estrito, podemos considerar o formato *webdocumentário*, por ser uma narrativa interativa, em seguida, o repositório no qual foi disponibilizado – *Youtube*, site

de amplo conhecimento e fácil acesso para um maior público; depois, os sujeitos que produzem seus comentários e as pessoas que emitem suas opiniões para produção do *webdocumentário*, que formam o contexto imediato do arquivo em análise.

O segundo ponto, o sentido amplo, onde a produção dos efeitos de sentido que o *webdocumentário* produziu nos sujeitos, oferecendo um posicionamento histórico diferente do que está amplamente significando entre os sujeitos. Com isso, foi possível perceber a criação de um olhar de agradecimento ao povo português, assim como o desejo de reestabelecimento da monarquia, levantando-se ainda, bandeiras políticas polarizadas (esquerda e direita).

Por último, a questão do imaginário fecha as condições de produção dos comentários, os quais, de forma abrangente, apresentam uma conjuntura sócio-histórica bem parecida, apontando para uma cultura de degeneração da imagem que o sujeito-locutor tem do povo português. Neste caso, o objeto do discurso também apresenta uma condição imaginária afetada por todo o imaginário criado quanto à relação entre os dois países, gerando-se, então, uma complexidade quanto à definição da imagem que um faz do outro, enquanto locutor e interlocutor e, principalmente, quanto ao objeto discursivo central do discurso.

O apagamento do sujeito induz um complexo efeito de retorno à historicidade, a participação passiva de internauta é amadurecida por um sujeito de identidade recuperada que tem em si a necessidade de aprovação, assim: “[...] frente a saberes em circulação, o sujeito os interpreta à luz da formação discursiva com que se identifica e é em função de sua captura ideológica que vai posicionar-se e interpretar tais saberes” (INDURSKY, 2016, p. 38) para poder produzir seus comentários e constituir sua identidade. A seguir, temos o RD 1, que trata sobre as relações de força e as formações imaginárias, conceitos que permeiam a constituição de algumas SDs.

Quadro 03: RD 1 – As Relações de Força e as Formações Imaginárias

RD 1 – AS RELAÇÕES DE FORÇA E AS FORMAÇÕES IMAGINÁRIAS
<p>SD 01: Como Português agradeço por este enorme trabalho. [...] (Autor 1)</p> <p>Sou português, sempre soube a história do meu povo. Nasci e cresci com ela, corre-me nas veias. [...] (Autor 5)</p> <p>SD 02: [...] O que fizeram com nós brasileiros? Nossa história foi negligenciada. Nossas escolas partidarizadas estão comprometendo nosso futuro. (Autor 6)</p> <p>Sou filha de português e sempre senti tristeza de ter que aguentar as pessoas falando mal ou contando piadas sobre os portugueses.</p>

SD 03: Eu de certa forma, me sinto exilada em minha própria pátria! Espero um dia sentir orgulho de ser brasileira, por enquanto não está sendo possível não 😞 (Autor 8)

SD 04: Eu tenho orgulho de ser brasileiro e de falar a língua portuguesa. Fico triste com a ignorância do povo, mas a culpa não é deles e sim da verdade que nos foi negada, escondida, deturpada. (Autor 23)

SD 05: [...] Nós de português estamos connvosco... A nossa lingua é a nossa pátria... (Autor 26)

SD 06: [...] Obrigado por despertarem em mim **a alegria, o prazer e orgulho de ter nascido e ter feito parte de terras tão fartas como as terras brasileiras, e um povo tão privilegiado como o povo brasileiro**. Obrigado por me terem feito sentir na pele **o quão glorioso é ser um brasileiro**. Obrigado por me lembrarem que **sou tão guerreiro quanto um português, tão curioso quanto um indígena e tão resistente quanto um africano**. (Autor 10)

Fonte: A autora.

Em uma análise inicial das SDs deste primeiro recorte, percebe-se que elas apresentam uma relação discursiva na qual pode-se observar diferentes lugares de dizer, relacionando-se, ainda, com o conceito de formação imaginária. Então, temos que:

“[...] todos esses mecanismos de funcionamento do discurso repousam no que chamamos de formações imaginárias. Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções. [...]” (ORLANDI, 2015, p. 38)

Pensando então na conjuntura sócio-histórica a qual os comentários inscrevem-se, percebemos que a formação imaginária é instituída por meio de discursos que recuperam o que pode ser chamado de relação de forças. Conforme Orlandi (2015, p. 41), “Segundo essa noção, podemos dizer que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz. [...] Assim, temos um mecanismo imaginário que apresenta uma nova imagem do povo, tanto português quanto do brasileiro, que reconhece um ao outro como sujeitos em construção, formando uma identidade repensada de acordo com as novas formações discursivas estabelecidas.

Ainda nestas SDs, pode-se observar que o sujeito delimita seu lugar de dizer, posicionando-se pelo pertencimento a uma pátria, como é visível nas construções “Como português”, “sou português”, “meu povo”, “nós brasileiros”, “sou filha de português”, “orgulho de ser brasileira”, “tenho orgulho de ser brasileiro”, nós de português”. Além disso, o

sentimento de pertencimento expresso nos termos “meu povo” e “corre-me nas veias”, aponta para uma memória constitutiva que estabelece sentido.

Desta forma, notamos que esses são “[...] dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada” (ORLANDI, 2015, p. 29). Todos os discursos que foram em algum momento produzidos por alguém produzem efeitos de sentido, implicando em uma memória que refere-se a uma historicidade que pode representar orgulho para o sujeito, ou despertar outros sentimentos, bem como a percepção de que há distanciamento da relação de patriotismo e falta de veracidade nos discursos que foram proferidos até o momento sobre sua própria história.

Mediante todos estes fatores apontados, resta ainda desenvolver a questão quanto a distinção do lugar e a posição que o sujeito ocupa no discurso, pois nas formações imaginárias os sujeitos ocupam posições distintas enquanto inscrevem-se na sociedade. O lugar físico que o sujeito de discurso está no momento em que profere suas palavras não necessariamente é a posição discursiva que dá significado ao que este fala remontando, portanto, a memória discursiva, o já dito.

Finalmente, sob o ponto de vista da relação de força, os comentários *online* recortados no repositório *Youtube* apresentam uma noção de onde o sujeito fala, demonstrando que o lugar de onde ele fala é “constitutivo do que ele diz” (ORLANDI, 2015, p. 37), portanto, cada sujeito apresenta seu discurso de uma determinada posição como cidadão de uma história fraudada e incompleta, concedendo a este uma posição de poder.

Quadro 04: RD 2 – A Alteridade

RD 2 – A ALTERIDADE
SD 01: [...] Brasil sempre foi o orgulho de Portugal. (Autor 1)
SD 02: Qual Português que leve no coração o fogo ardente da sua pátria, que não chore ou se alegre com o destino do irmão Brasil. O Brasileiro não é selvagem, o Brasileiro não é ladrão, o Brasileiro também é nobre povo, o Brasileiro também é herói do mar!!!! (Autor 3)
SD 04: [...] Cada centímetro foi conquistado com o sangue dos nossos antepassados. Amote Pátria Lusitana. (Autor 5)
SD 05: Passei a olhar Portugal com outros olhos agora! Parabéns Brasil Paralelo! Parabéns Portugal! (Autor 7)
SD 06: [...] um dos melhores documentários que eu já vi na minha vida, minha avó materna era filha de imigrantes dos açores que residiram no Ceará, já meu pai descende de índio,

sírio e português. Vendo esse vídeo faz o brasileiro a ter orgulho de suas raízes, assim com os demais **povos africanos, árabes e asiáticos.** [...] (Autor 14)

SD 07: Renegar o passado, é desrespeitar o sangue derramado por **uma pequena GRANDE nação de homens e mulheres corajosos** até ao tutano, resistentes, perseverantes, obstinados na procura do desenvolvimento, do conhecimento, na demanda ao desconhecido, é desta FIBRA TOTALMENTE ESQUECIDA, que o povo Brasileiro é feito [...] (Autor 16)

SD 08: [...] a história deste roubo é longa. Começa com **os românticos do século XIX** que, desejosos em idealizar uma nacionalidade nova para o Estado independente que se formava, resolvem jogar na lata do lixo a herança portuguesa que naquela época era coisa de um passado recente, da geração anterior, para criar um Brasil que veio do nada. O negócio começa a piorar com **os modernistas da década de 1920** até chegar a um ponto de extrema calamidade com **o domínio dos marxistas** mais para o final do século XX. (Autor 17)

SD 09: Admiro esses **grandes homens desbravadores** que chegaram até as Américas. (Autor 20)

SD 10: [...] O que acabou levando **outros países** a respeitarem nossa história mas do que nós mesmos. (Autor 25)

SD 11: [...] **O típico brasileiro** prefere acreditar que não vale nada... [...] (Autor 26)

SD 12: Realmente é triste saber que **a maioria dos brasileiros** não sabem nem sua própria origem, não sabem nem porque falam português ou porque são cristãos. (Autor 29)

SD 13: Temos que **resgatar a civilização ocidental, o direito romano e a fé católica** (moral judaica-cristã) a única moral que pode salvá nosso país. (Autor 28)

SD 14: [...] obrigou o **povo Brasileiro a ter que falar mal de tudo o que é Português** e para **falar mal dos Portugueses**, os Brasileiros tem que destruir as melhores façanhas da sua história e um povo sem orgulho histórico é um povo sem esperança no futuro! No dia em que **Portugal e Brasil voltarem a unir esforços**, será o dia em que o mundo irá definitivamente olhar para nós, de baixo para cima! (Autor 18).

SD 15: Tudo bem o senhor afirma que **Portugal e Espanha** não possuem responsabilidade. Não concordo, mas afirmo o fato em que **todos os países tocados por ambos**, são países pobres, sub desenvolvidos, com problemas sociais internos de alta gravidade. Enquanto isto **países colonizados pela Inglaterra** se tornaram auto suficientes e avançados. Não é uma exceção, e sim regra. (Autor 21)

SD 16: Eu também estou sendo levada a rever a minha interpretação acerca de **nosso relacionamento com o povo português na construção de nossa nação.** [...] (Autor 22)

Passando para a análise do RD2, podemos observar a consciência de um outro que de alguma forma produz efeitos no sujeito, assim “a alteridade, a relação com o outro é sempre ameaçadora” (MAIA, 2006, p.39), implicando na condição de formação identitária social e discursiva do sujeito. Ao referir-se ao outro em seus discursos, o sujeito se constitui, pois o sujeito é “também alteridade, carrega em si o outro, o estranho, que o transforma e é transformado por ele” (CORACINI, 2007, p. 17). Observamos, então, em trechos como “Brasil sempre foi o orgulho de Portugal”, “povo brasileiro a ter que falar mal de tudo o que é português”, “nosso relacionamento com o povo português na construção de nossa nação”, a atuação do outro de forma transformadora, repercutindo no brasileiro um outro (português) que, por sua vez, orgulha-se de ser compatriota com o brasileiro.

Assim, conforme Pêcheux (2006), o outro é a base para a identificação, pois é a partir da presença do outro na sociedade e na história que há a formação das identidades e, conseqüentemente, o trabalho da interpretação.

Quadro 05: RD 3 – O Interdiscurso

RD 3 – O INTERDISCURSO
<p>SD 01: [...] Respeitosamente, confesso a minha convicção de que o povo brasileiro tem vindo a ser roubado à sua História. Até agora. De pequeno, aprendi na escola que o povo brasileiro era nosso irmão. Mas ao longo da minha vida foram várias as circunstâncias em que fui confrontado com a percepção de que não havia reciprocidade desse sentimento por parte do povo brasileiro. [...] (Autor 2).</p> <p>SD 02: O Brasil Paralelo está reescrevendo a história do Brasil com esses documentários... Mas dessa vez, com a verdade!!! (Autor 4)</p> <p>Essa série desperta pela primeira vez um sentimento de identidade que nenhuma aula de história do Brasil jamais gerou em minha vida. (Autor 11)</p> <p>SD 03: Sempre achei estranho tanto na mídia como nos colégios, como que Portugal fala tanto do Brasil e o Brasil não tem nada de Portugal, nem o mais banal das coisas e que os brasileiros amam tanto como são as novelas? Portugal simplesmente não existe na história do Brasil e na mídia atuais. [...] (Autor 13)</p> <p>SD 04: Eis aí a história que, de fato, faz sentido! Quando a verdade é declarada sente-se no íntimo a concordância da veracidade nela contida. [...] (Autor 15)</p>

SD 05: No passado, os brasileiros também conheciam a sua própria história e o valor de Portugal, mas **o nosso maldito modelo educacional** está apagando isso da nossa memória.

Não é a toa que estamos nessa condição nos dias de hoje... (Autor 24)

SD 06: [...] **Brasileiros lutem como os vossos antepassados.** Nós de português estamos connvosco... A nossa língua é a nossa pátria... (Autor 26)

SD 07: [...] **Na época estudantil não tive esta matéria tão rica e cheio de detalhes!** E olha que a **minha matéria favorita é história!** Parabéns a toda equipe que fez este riquíssimo trabalho! (Autor 27)

Fonte: A autora.

Quando pensamos a linguagem em seu caráter discursivo, percebemos as condições de produção que constituem os discursos e que:

[...] funcionam de acordo com certos fatores. Um deles é o que chamamos de relação de sentidos. Segundo essa noção, não há discurso que não se relaciona com outros. Em outras palavras, os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados ou possíveis. (ORLANDI, 20015, p. 37)

Então, filiamo-nos a sentidos que disponibilizam dizeres que denominamos como interdiscurso que é “[...] todo conjunto de formulações já feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” (ORLANDI, 2015, p. 31). Sendo assim, o interdiscurso determina a formação discursiva. E o próprio da formação discursiva é dissimular na transparência do sentido, a objetividade material contraditória do interdiscurso que a determina. Essa objetividade material contraditória reside no fato de que algo fala sempre antes em outro lugar e independentemente. “O interdiscurso é irrepresentável. Ele é constituído de todo dizer já-dito. Ele é o saber, a memória discursiva. Aquilo que preside todo dizer. É ele que fornece a cada sujeito sua realidade enquanto sistema de evidências e de significações percebidas, experimentadas” (ORLANDI, 2006, 18).

Ao referir-se aos elementos: “História”, “escola”, “ao longo da minha vida”, “Brasil Paralelo”, “aula de história do Brasil”, “na mídia como nos colégios”, “na história do Brasil e na mídia atuais”, “nosso maldito modelo educacional”, “Na época estudantil”, “minha matéria favorita é história”, temos a referência do sujeito a discursos produzidos em outros lugares e momentos, seja da História ou da sua própria história, emergindo, desta forma, o interdiscurso

que é constitutivo de sua identidade, que encontra-se constantemente em movimento, em formação.

Portanto, a constituição determina a formulação e a coloca no ponto de vista do dizível. Conforme Orlandi (2015, p. 30) o interdiscurso refere-se ao “[...] eixo vertical onde teríamos todos os dizeres já ditos” e que permitem a formulação e a constituição de outros discursos, ecoando pelo interdiscurso, “de tal maneira que qualquer formulação se dá determinada pelo conjunto de formulações já feitas” (ORLANDI, 2006, p. 21).

Partindo para a análise das SDs que foram organizadas dentro do RD 3: O Interdiscurso, de modo a estabelecer uma relação de filiação entre os assuntos discursivos quanto às condições de produção e interdiscurso. São apresentadas sequências nas quais a materialidade linguística demonstra uma relação de regularidade quanto a marcas linguístico-discursivas.

Passando para nosso gesto analítico, nas SDs destacadas constatamos que o sujeito define seu lugar (como Português e Brasileiro) e retoma discursos que recuperam tudo o que já se disse sobre a constituição do povo brasileiro, como foram colonizados também sobre os dizeres políticos que significaram para o estabelecimento da subjetividade da nação. É por meio de uma forma de tratamento de aproximação e cuidado que se remete à história de Portugal para o “nascimento” do Brasil. Muitos internautas afirmam que seus saberes históricos foram modificados após a visualização do *webdocumentário*.

Entendendo o interdiscurso sob o ponto de vista da memória discursiva, como aponta Orlandi (2015 p. 29), “[...] o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra”. Assim, a memória discursiva é responsável por todo o atravessamento dos dizeres que perpassam a fala dos sujeitos, significando de diferentes maneiras nas diversas situações, ou melhor, “o dizer não é propriedade particular”, são inscritas na língua e na história estando disponíveis a qualquer tempo em diferentes circunstâncias.

Quadro 06: RD 4 A Metáfora

RD 4 – A METÁFORA
<p>SD 01: [...] Ao mesmo tempo fui-me dando conta que o povo brasileiro padecia de uma terrível falta de auto-estima. Com este documentário dei-me conta da razão maior de tal coisa: o povo brasileiro tem vindo a ser roubado à sua história. Essa doença da alma pode ter aqui a sua cura. (Autor 2).</p>

SD 02: Qual Português que leve no coração **o fogo ardente** da sua pátria, que não chore ou se alegre com o destino do irmão Brasil. O Brasileiro não é selvagem, o Brasileiro não é ladrão, o Brasileiro também é nobre povo, o Brasileiro também é **herói do mar!!!!** No seu sangue ainda existe **a chama lusitana**. (Autor 3)

SD 04: Quando criança aprendemos que Portugal é um pequeno país na Europa, por vezes até escutamos "**o quintal da Europa**", e que o Brasil foi um acaso desse pequeno "**menino travesso**". Nessas horas, após esse vídeo, eu penso... **a Europa foi o quintal de Portugal, e o Brasil fruto de seu suor, sangue, dor e esperança**. [...] (Autor 12)

SD 05: [...] É como uma **MÃE que abandona o filho** ... é contra-natura e contra producente. [...] (Autor 16)

SD 06: [...] A moral da história é que, somos **refém** [...] (Autor 21)

SD 07: Mas ainda hoje é **um paraíso** que querem destruir... (Autor 26)

Fonte: A autora.

Sendo a metáfora constitutiva do processo de produção e de constituição do sujeito, verificamos que esta é uma forma de apropriação e articulação, Segundo Pêcheux (1969 apud ORLANDI, 2015, p. 77), o efeito metafórico:

“[...] é o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, lembrando que este deslizamento de sentido entre x e y é constitutivo tanto do sentido designado por x como por y.”

Assim, ao utilizar a imagem como representação de uma ideia, o autor opta por uma construção metafórica capaz de encapsular o sentido que deseja produzir. Do mesmo modo, podemos perceber a metáfora como “[...] a tomada de uma palavra por outra” (ORLANDI, 2015, p. 42), mas com a transferência de significado.

Nas SDs elencadas, destacamos: “doença da alma”, “cura”, “fogo ardente”, “herói do mar”, “chama lusitana”, “o quintal da Europa”, “menino travesso”, “fruto de seu suor”, “MÃE que abandona o filho”, “refém”, “paraíso”, como exemplos de metáforas que se referem a Brasil, Portugal, aos sentimentos de patriotismo referentes a cada país, bem como aos cidadãos de ambos. Em nossa análise, as metáforas foram marcadas por palavras de forte apelo emotivo, com expressão de patriotismo e indignação por não conhecerem a história que lhes foi contada; agora as palavras passam a revestirem-se de sentidos históricos e estabeleceram um novo lugar.

Quadro 07: RD 5 A Identidade e a Subjetividade

RD 5 – A IDENTIDADE E A SUBJETIVIDADE
SD 01: [...]Espero um dia sentir orgulho de ser brasileira , por enquanto não está sendo possível não 😊 [...] (Autor 08)
SD 02: Obrigado por me terem feito sentir na pele o quão glorioso é ser um brasileiro . (Autor 10)
SD 03: Essa série desperta pela primeira vez um sentimento de identidade que nenhuma aula de história do Brasil jamais gerou em minha vida. (Autor 11)
SD 04: A lamentável vida sem identidade ... qualquer coisa está bom, quando não se sabe do que é capaz.... BRASIL UM PAÍS A DERIVA, DE SUA HISTÓRIA., (Autor 19)
SD 05: Eu tenho orgulho de ser brasileiro e de falar a língua portuguesa. (Autor 23)
SD 06: [...] pela primeira vez na vida, fiquei com vontade de ouvir mais sobre a história do nosso país. De onde viemos, quem somos, porque somos assim e para onde vamos. [...] (Autor 30)

Fonte: A autora.

Ao olharmos para a composição da subjetividade, analisamos pontos que impactam e formatam a essência da imagem, promovendo a organização de identidades discursivas e sociais que reforçam a direção do aprendizado. Enquanto que, os efeitos de sentido que alguns discursos operam sobre a pessoa são passíveis de análise, evidenciando sua identidade, ou como define a professora Eni Orlandi, “[...] (o fato de que ‘eu’ sou ‘eu’), apaga o fato de que ela resulta de uma identificação: o sujeito se constitui por uma interpelação – que se dá ideologicamente pela sua inscrição em uma formação discursiva [...]” (ORLANDI, 2015, p. 43), ou seja, nossas reproduções são carregadas de ideologias que se relacionam com outros traços ideológicos, produzindo diferentes efeitos e materializando-se na discursividade identitária.

Neste próximo gesto analítico, lançamos nosso olhar ao recorte discursivo que analisou a questão da identidade e a subjetividade nos enunciados registrados nos comentários *online* do *webdocumentário*, tomando a conceituação de que “[...] a escrita articula-se entre o linguístico, o histórico, o social e o ideológico, constituindo-se num espaço simbólico, lugar de interpretação, num trabalho de memória e de construção de identidades” (GRIGOLETTO, 2006, p. 207), temos então marcas da formação identitária dos internautas constituídas em seus dizeres.

Portanto, temos o efeito ideológico evidenciando-se. Depois de reconhecer o funcionamento da memória na formação discursiva analisada, o sujeito apresenta sua identidade. Ele foi atravessado por uma condição de produção que o revestiu de patriotismo e reconhecimento de uma “verdadeira história” do nascimento do seu país, sendo tomado por um passado “desconhecido” que passou a fazer sentido a partir da formação do poder de quem estabelecia a discursividade.

Entendemos que o espectador do *webdocumentário A Cruz e a Espada*, ao interagir com a narrativa, fala com base em uma formação discursiva, pois ao provocar um sentido que vem carregado por posições ideológicas de cunho político e sociológico, permite a compreensão de processos de produção dos sentidos, ou seja, para a formação ideológica dada, em que o brasileiro vem reivindicando um delineamento de suas origens por meio de posicionamentos políticos polarizados (esquerda e direita), o *webdocumentário* entra em cena recuperando um já-dito.

Depreende-se, então, “[...] que as palavras não tem um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas em que se inscrevem” (ORLANDI, 2015, p. 41). Neste caso, as palavras que os sujeitos utilizam para manifestar seus comentários são recuperadas de diversos traços ideológicos, pois, essencialmente, os ditos estão na discursividade constituídos pela contradição, sendo heterogêneas, mas “suas fronteiras são fluídas [...] reconfigurando-se continuamente [...]” (ORLANDI, 2015, p.42).

Temos ainda a emoção dos sujeitos visível em expressões como “[...] Não me canso de ver este documentário sem derramar mais uma única lágrima que seja [...]” (Autor 1); “Foi com enorme comoção que vi este documentário. [...]” (Autor 2); “Pessoal me emocionei, essa é a nossa verdadeira história [...]” (Autor 9); “Fico triste com a ignorância do povo, mas a culpa não é deles e sim da verdade que nos foi negada, escondida, deturpada.” (Autor 23); e “Como estou impactada com este grande documentário!” [...] (Autor 27). Essas discursividades relacionam-se a uma identidade social que é recriada e reforçada por uma formação discursiva que aponta para uma linguagem do sujeito com expressões psicossociais que está impregnada por traços psicológicos.

Outros comentários, como Autor 10, Autor 18 e Autor 21, foram construídos de forma a produzir resenhas do *webdocumentário*, porém com fortes apelos críticos e recuperação de dados históricos não apontados efetivamente no documentário, representando uma refutação da construção narrativa assistida; de certo ponto, trata-se de uma maneira de consolidar a construção da identidade discursiva por meio de uma organização enunciativa do discurso que manipule a formação imaginária de outros sujeitos.

Assim, o sujeito constitui sua identidade em sua escrita, em seu discurso, utilizando, para isso, a referência ao outro sujeito e a outros discursos, ao uso de imagens representativas de sua ideia, a formações imaginárias e à ocupação de lugares do dizer, colocando-se no interior de diferentes formações discursivas e ideológicas que constituem a base de seu dizer e da formulação de seu discurso.

Neste percurso, os sujeitos estabelecem uma relação de interação com as ferramentas tecnológicas, apropriando-se dos discursos do *webdocumentário* e, por meio do apagamento, reintroduzindo seu olhar e compartilhando ideias com outros internautas, fazendo com isso o papel de autor de uma discursividade que vai se construindo de acordo com cada novo comentário. Neste universo, temos novos posicionamentos que possibilitam a troca de saberes e o estabelecimento de opiniões críticas, garantindo a liberdade de expressão apregoada por nossa Constituição.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

“[...] a identidade marca o encontro de nosso passado com as relações sociais, culturais e econômicas nas quais vivemos agora [...]”

J. Rutherford

A finalização de um estudo não significa a exaustão das possibilidades de interpretação do objeto de estudo, mas o fechamento de uma contribuição para determinado campo de pesquisa. Debater sobre as novas tecnologias de informação e comunicação e a internet, bem como sobre seus impactos e suas influências na sociedade é um desafio para os estudantes da linguagem.

Neste trabalho, buscamos promover uma reflexão sobre a interação dos sujeitos com novas formas de expressão da linguagem, as narrativas interativas. Marcadas pela inovação na forma dos sujeitos produzirem discursos, os *webdocumentários* são espaços de interação, integração e construções discursivas que passam a constituir esse sujeito que é leitor e espectador.

Acreditamos que as narrativas interativas, como os *webdocumentários*, podem ser uma ferramenta interessante de ensino-aprendizagem em sala de aula, aos alunos de escolas e, também, de cursos superiores. O uso de novas tecnologias aparece como motivador das práticas escolares e acadêmicas, pois relaciona-se com a realidade atual, de intensa atuação dos sujeitos no meio virtual e digital. Neste sentido, a inserção dos *webdocumentários* no meio educacional é uma relevante opção de atualização e modernização das ferramentas didáticas. Inclusive, o aumento da produção de *webdocumentários* revela “[...] uma resposta dos produtores ao apego crescente do público pelo consumo de material audiovisual em linha. O sucesso de sítios como *Youtube*, terceiro destino mais popular da internet segundo o ranking organizado pela companhia norte-americana *Alexa*, comprova esse interesse.” (BAUER, 2011, p. 98).

A constituição das identidades sociais e discursivas dos sujeitos que interagiram com o *webdocumentário* do canal *Brasil Paralelo*, que faz parte da série *Brasil – A última cruzada*, mais especificamente o capítulo 1, “*A Cruz e a Espada*”, foi percebida por meio da análise das marcas linguístico-discursivas presentes nos comentários. Destacaram-se, principalmente, as interligações entre os discursos produzidos e as relações de força, as formações imaginárias, o interdiscurso, a metáfora, a alteridade, a identidade e a subjetividade.

Em relação à questão de pesquisa deste estudo: de que forma uma nova linguagem, como os *webdocumentários*, no papel de narrativas interativas, pode contribuir para a

constituição da identidade social e discursiva dos sujeitos?, temos que a constituição discursiva dos sujeitos por meio de comentários *online* em *webdocumentários* no repositório *Youtube*, estabelece-se por meio de uma ação de interatividade entre autor da narrativa e internauta. Cria-se, portanto, um ambiente propício à construção de formações identitárias sociais e discursivas capazes de estabelecer as diferenças entre o “eu” e o “outro”, que é o combustível para a existência da identidade. Bauman diz que a “identidade nasceu da crise do pertencimento e do esforço que esta desencadeou no sentido de transpor a brecha entre o “deve” e o “é” e erguer a realidade à semelhança da ideia” (BAUMAN, 2005, p. 26).

Em consonância com os estudos da AD, de acordo com a formação discursiva estabelecida e atravessada por uma formação ideológica dada, os sujeitos operam a migração de sua identidade discursiva, atuando ainda conforme sua relação psicossocial que estabeleceu sua identidade social, assim:

[...] a “identidade” só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, “um objetivo”; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais – mesmo que, para que essa luta seja vitoriosa, a verdade sobre a condição precária e eternamente inconclusa da identidade deva ser, e tenda a ser, suprimida e laboriosamente oculta [...]” (BAUMAN, 2005, p. 21 – 22)

A reflexão sobre os meios de constituição da identidade social e discursiva dos sujeitos por meio de seus discursos a partir de uma narrativa interativa aponta para o uso de construções variadas. As metáforas, as alusões históricas, a apropriação de lugares do dizer, o interdiscurso, todas as discursividades destacadas direcionam-se para a constituição identitária do sujeito. As relações de comoção social e discursiva, representadas nos enunciados emotivos, inclusive com grande uso de *emojis* também emergem as marcas do sujeito que produz seu discurso. Ocorre, ainda, a representação do outro – a alteridade - de forma positiva e negativa, por meio de discursos identitários e pela relação subjetiva, com forte teor psicológico. O estabelecimento de relações de força e de uma formação imaginária trabalhada com posicionamentos de reflexão de poder consolidam a formação de um discurso que destaca a identidade do sujeito que fala por intermédio dos comentários.

Buscou-se, também, por meio desta pesquisa, entrelaçar conhecimentos adquiridos durante o curso de Especialização em Linguagem e Educação a Distância, tendo em vista que os conteúdos colaboraram com nossa formação e no conhecimento mais aprofundado sobre a linguagem. Desta forma, embora tenhamos priorizado a Análise de Discurso no gesto analítico, complementamos a reflexão com alguns apontamentos dos Estudos Culturais, com definições

de Bauman.

A partir desse trabalho, pensamos que novas metodologias podem ser criadas e inseridas em sala de aula, no ensino superior, com o uso de mídias sociais que estão presentes no cotidiano dos alunos e que podem ser utilizadas para o aprimoramento dos estudos da linguagem. Vemos, nessas novas linguagens disponíveis em meios virtuais, uma nova possibilidade de interação e construção da(s) identidade(s) dos sujeitos.

REFERÊNCIAS

BAUER, Marcelo. **Os webdocumentários e as novas possibilidades da narrativa documental.** Avanca Cinema, Portugal, 2011. Disponível em: <http://crosscontent.com.br/webdocumentario/os_webdocumentarios_e_as_novas_possibilidades_da_narrativa_documental.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BAUER, Marcelo. **O que é webdocumentário: uma definição.** In: *Webdocumentário: e novas narrativas interativas.* 2018. Disponível em: <<http://webdocumentario.com.br/para-saber-mais/o-que-e-webdocumentario-uma-definicao/>>. Acesso em: 20 jun. 2019.

BAUER, Marcelo. **Mas, afinal, o que é webdocumentário?.** In: *Webdocumentário: e novas narrativas interativas.* 2010. Disponível em: <<http://webdocumentario.com.br/para-saber-mais/mas-afinal-o-que-e-webdocumentario/>>. Acesso em: 25 jun. 2019.

BAUMAN, Z. **Identidade:** entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAGA, Sandro; Tiago Costa. **Quando a história cala e o exótico fala:** efeitos de sentido da cobertura da revista *Veja* na pré-candidatura de Obama à presidência dos EUA. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 11, 2011, p. 171 – 204.

BRAGA, Sandro; SENEM, Janaína. **O aluno na posição de autor: uma experiência com a resenha na universidade.** Florianópolis, v. 14, n. 4, out. / dez. 2017, p. 2685 – 2702

CANCLINI, Nestor García. **Leitores, expectadores e internautas.** São Paulo: Iluminuras, 2008. Tradução: de Ana Goldberger.

CHARAUDEAU, Patrick. **Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional.** In : PIETROLUONGO, Márcia. (Org.) *O trabalho da tradução.* Rio de Janeiro : Contra Capa, 2009, p. 309-326., 2009, Tradução de Angela Maria da Silva Corrêa. Disponível em <<http://www.patrick-charaudeau.com/Identidade-social-e-identidade.html>> Acesso em 15 jul. 2019

CORACINI, Maria José. **A celebração do outro. Arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilingüismo e tradução.** Campinas: Mercado das Letras, 2007. p. 247

FOUCAULT, Michael. **Arqueologia do saber.** 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. Tradução: Luiz Felipe Baeta Neves.

GAUDENZI, Sandra. **The Living Documentary: from representing reality to co-creating reality in digital interactive documentar: A thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy.** Goldsmiths (Centre for Cultural Studies), University of London. London, January 2013. Disponível em: < http://research.gold.ac.uk/7997/1/Cultural_thesis_Gaudenzi.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. **Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades.**

Comunicação, Mídia e Consumo: PPGCOM - ESPM, São Paulo - SP, v. 4, n. 11, p.11-25, nov. 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105/106>>. Acesso em: 16 jun. 2019

HACK, Josias Ricardo. 1º período: **Introdução a Educação a Distância**. Florianópolis: Ufsc/cce/dlle, 2014. 136 p.

HALL, Stuart. **The word of representation**. In: HALL, Stuart. (org.). Representation cultural representations and signifying practices. Londres: Sage/The Open University, 1997

GRIGOLETTO, Evandra. **A construção da identidade na escrita de si: do ambiente universitário à internet**. **Revista Desenredo**. Passo Fundo, v. 2, n. 2, p. 203-223, julho/dezembro 2006.

INDURSKY, Freda. **As determinações da prática discursiva da escrita**. In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo** – v. 12 – n. 1 – p. 30-47, jan./jun. 2016.

MAIA, Maria Cláudia G. **O lapso de escrita como refúgio do sujeito**. In: MARIANI, Bethania (org.). A escrita e os escritos. Reflexões em análise do discurso e psicanálise. São Carlos: Claraluz, 2006, p. 31-44.

MITTMANN, S. . **Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise**. In: LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina; INDURSKY, Freda. (Org.). Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, 2007, p. 153-162.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**. In: ORLANDI, Eni P.; RODRIGUES, Suzy Maria Lagazzi (Orgs.). Introdução às ciências das linguagens: Discurso e textualidade. 1. ed. Campinas-SP: Pontes Editores, 2006, p. 11-31.

_____. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. 12. ed. Campinas: Pontes, 2015.

_____. **Discurso e leitura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Identidade lingüística escolar**. In: **Lingua(gem) e identidade**. SIGNORINI, Inês (org.) Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

_____. **“Segmentar ou recortar?”**. **Lingüística: questões e controvérsias**. Série Estudos 10. Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas de Uberaba, 1984.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi et al.

_____. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2006. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi.

_____. **Análise de Discurso**. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015. Textos escolhidos por: Eni Puccinelli Orlandi.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Pela mão de Alice**: O social e o político na pós-modernidade. 7. Ed. Porto: Edições Afrontamento, 1999

SILVA, Tomaz Tadeu. (organizador). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

UNESCO. **Padrões de competências em TIC para professores**: diretrizes de implementação, versão 1.0. [S.l.: s.n.], 2009. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0015/001562/156209por.pdf>>. Acesso em: 18 nov. 2018.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença**: Uma introdução teórica e conceitual. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu. (organizador). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.

FILMOGRAFIA

A Cruz e a Espada. Direção de Brasil Paralelo. Porto Alegre, 2017. (52 min.), son., color. Série Brasil - A Última Cruzada. Capítulo 1. Disponível em: <<https://youtu.be/TkOlAKE7xqY>>. Acesso em: 16 jul. 2019.

ANEXOS

ANEXO 1

COMENTÁRIOS *ONLINE* SELECIONADOS DO REPOSITÓRIO**1. Autor 1•**

Como Português agradeço por este enorme trabalho. Não me canso de ver este documentário sem derramar mais uma única lágrima que seja, só de pensar que Portugal tem o privilégio de ter o seu maior cemitério no oceano. Brasil sempre foi o orgulho de Portugal

2. Autor 2•

Foi com enorme comoção que vi este documentário. Respeitosamente, confesso a minha convicção de que o povo brasileiro tem vindo a ser roubado à sua História. Até agora. De pequeno, aprendi na escola que o povo brasileiro era nosso irmão. Mas ao longo da minha vida foram várias as circunstâncias em que fui confrontado com a percepção de que não havia reciprocidade desse sentimento por parte do povo brasileiro. Ao mesmo tempo fui-me dando conta que o povo brasileiro padecia de uma terrível falta de auto-estima. Com este documentário dei-me conta da razão maior de tal coisa: o povo brasileiro tem vindo a ser roubado à sua história. Essa doença da alma pode ter aqui a sua cura.

3. Autor 3•

Qual Português que leve no coração o fogo ardente da sua pátria, que não chore ou se alegre com o destino do irmão Brasil. O Brasileiro não é selvagem, o Brasileiro não é ladrão, o Brasileiro também é nobre povo, o Brasileiro também é herói do mar!!!! No seu sangue ainda existe a chama lusitana. O quinto Império ainda falta construir. Força Brasil!!!!

4. Autor 4•

O Brasil Paralelo está reescrevendo a história do Brasil com esses documentários... Mas dessa vez, com a verdade!!!

5. Autor 5•

Sou português, sempre soube a história do meu povo. Nasci e cresci com ela, corre-me nas veias. Portugal é uma terra sagrada. Cada centímetro foi conquistado com o sangue dos nossos antepassados. Amo-te Pátria Lusitana.

6. Autor 6•

Deus Salve Portugal! O que fizeram com nós brasileiros? Nossa história foi negligenciada. Nossas escolas partidárias estão comprometendo nosso futuro.

7. Autor 7

Passei a olha Portugal com outros olhos agora! Parabéns Brasil Paralelo! Parabéns Portugal!

8. Autor 8

Sou filha de português e sempre senti tristeza de ter que aguentar as pessoas falando mal ou contando piadas sobre os portugueses.

Eu de certa forma, me sinto exilada em minha própria pátria! Espero um dia sentir orgulho de ser brasileira, por enquanto não está sendo possível não 😞

9. Autor 9

Pessoal me emocionei 🥰 essa é a nossa verdadeira história o Brasil tem uma raiz de vida muito bonita se fosse nos contada nas escolas des de crianças desse forma seríamos com certeza patriotas de verdade tão mais quanto são os americanos .Brasil paralelo estão de parabéns vou assistir todas as histórias e com um pouco de esforço patrocinar vocês 😊👏😊👏😊👏👏👏👏 viva a revolução 🇧🇷monarquistas vivaaaaa👏👏👏👏

10. Autor 10

Portugal, às portas do período das Grandes Navegações, era uma das maiores, senão, a maior das potências europeias. O povo português foi um povo verdadeiramente guerreiro. Mencionar que se lançaram aos mares, sequer sem saber se retornariam a Portugal, por puros e repentinos interesses mercantis, numa empreitada rumo ao Oriente, por exemplo, cujo trajeto foi superior ao comprimento da Linha do Equador, é uma das maiores escrupulosidades que se pode dizer, quando se observa as circunstâncias temporais e higiênicas a que estavam sujeitos, então, nem se fala. Muitos berram aos quatro cantos: "Se o Brasil tivesse sido colonizado pelo Reino Unido, o Brasil seria uma potência". Podemos não ter herdado os genes britânicos, mas, mesmo assim, não poderíamos ter sido colonizados por Estado melhor que o português. Cristãos católicos, guerreiros, que, durante séculos, assumiram a responsabilidade por manter a cultura ocidental viva e passar adiante seu legado, em meio ao completo cenário caótico que representava a invasão muçulmana à Península Ibérica. Anos após à descoberta do Brasil, os ingleses ainda saíam de suas terras em direção à América do Norte e exterminaram milhares de indígenas, muitos deles morreram de inanição, utilizando como justificativa A Teoria de que os Estados Unidos haviam sido eleitos (supostamente) por Deus para comandar o mundo, conforme determinava o Destino Manifesto, sob um pretexto completamente petulante. Enquanto que os britânicos saíam da Grã-Bretanha, os povos lusitanos já haviam desbravado, até mesmo, o Oriente. Enquanto eles ainda saíam, nós (NÓS, pq, assim como em nossas veias correm o seu sangue, em suas veias correm o nosso sangue) já havíamos visitado os quatro cantos do mundo três vezes cada. Os portugueses e os brasileiros são os verdadeiramente eleitos por Deus. Eles, que mais se preocupavam em catequizar os povos indígenas nativos em suas missões jesuíticas e ensiná-los os modos de vida ocidentais, do que em exterminá-los, como ocorrera nos EUA e nas colônias espanholas. Por isso me revelar e a tantos outros Brasil Paralelo, somente tenho a lhes agradecer imensamente pelo serviço que vcs prestam não somente a nós, mas, também, às grandes personalidades que nestes solos pisaram e que por eles fizeram o possível e o impossível, como D. Pedro I, D. Pedro II e José Bonifácio, fazendo o devido jus ao seu legado. Obrigado por despertarem em mim a alegria, o prazer e orgulho de ter nascido e ter feito parte de terras tão fartas como as terras brasileiras, e um povo tão

privilegiado como o povo brasileiro. Obrigado por me terem feito sentir na pele o quão glorioso é ser um brasileiro. Obrigado por me lembrarem que sou tão guerreiro quanto um português, tão curioso quanto um indígena e tão resistente quanto um africano.

11. Autor 11

3 meses atrás

Essa série desperta pela primeira vez um sentimento de identidade que nenhuma aula de história do Brasil jamais gerou em minha vida.

12. Autor 12

1 ano atrás

Quando criança aprendemos que Portugal é um pequeno país na Europa, por vezes até escutamos "o quintal da Europa", e que o Brasil foi um acaso desse pequeno "menino travesso". Nessas horas, após esse vídeo, eu penso... a Europa foi o quintal de Portugal, e o Brasil fruto de seu suor, sangue, dor e esperança. A partir de hoje sequer aceitarei uma piada de português. Patriotismo não vem de se orgulhar das praias, patriotismo vem de se orgulhar da história, de lembrar do passado, e lutar pelo futuro. Obrigado Brasil Paralelo, por nos fazer despertar para o verdadeiro Brasil e o verdadeiro patriotismo.

13. Autor 13

2 meses atrás (editado)

Sempre achei estranho tanto na mídia como nos colégios, como que Portugal fala tanto do Brasil e o Brasil não tem nada de Portugal, nem o mais banal das coisas e que os brasileiros amam tanto como são as novelas? Portugal simplesmente não existe na história do Brasil e na mídia atuais. Obrigado Brasil Paralelo por trazer Portugal de volta.

14. Autor 14

2 meses atrás

[...] um dos melhores documentários que eu já vi na minha vida, minha avó materna era filha de imigrantes dos açores que residiram no Ceará, já meu pai descende de índio, sírio e português. Vendo esse vídeo faz o brasileiro a ter orgulho de suas raízes, assim com os demais povos africanos, árabes e asiáticos.

Viva o povo Luso e Brasileiro!

15. Autor 15

8 meses atrás

Eis aí a história que, de fato, faz sentido! Quando a verdade é declarada sente-se no íntimo a concordância da veracidade nela contida.

Parabéns aos produtores.

16. Autor 16**5 meses atrás (editado)**

Renegar o passado, é desrespeitar o sangue derramado por uma pequena GRANDE nação de homens e mulheres corajosos até ao tutano, resistentes, perseverantes, obstinados na procura do desenvolvimento, do conhecimento, na demanda ao desconhecido, é desta FIBRA TOTALMENTE ESQUECIDA, que o povo Brasileiro é feito, infelizmente, ignorado nas calendas corruptas e tecnocratas de sucessivos governos, deitando ao abandono, todo um acervo cultural, tanto ao nível educacional, como em relação à preservação de tudo o que é relacionado com o passado colonial (incêndios no museu de língua Portuguesa de São Paulo e no museu de história do Rio de Janeiro) não me parecem meras coincidências. Uma nação que repudie, esqueça, renegue, ignore, abandone o seu passado com virtudes e defeitos que, nos fazem crescer e progredir como sociedade

...

É como uma MÃE que abandona o filho ... é contra-natura e contra produtora.

Bem haja quem repõe um pouco de justiça e um pouco de ordem, lembrando que o povo Brasileiro tem uma alma guerreira, apenas está adormecida.

17. Autor 17**2 meses atrás**

Sim, fomos roubados e a história deste roubo é longa. Começa com os românticos do século XIX que, desejosos em idealizar uma nacionalidade nova para o Estado independente que se formava, resolvem jogar na lata do lixo a herança portuguesa que naquela época era coisa de um passado recente, da geração anterior, para criar um Brasil que veio do nada. O negócio começa a piorar com os modernistas da década de 1920 até chegar a um ponto de extrema calamidade com o domínio dos marxistas mais para o final do século XX.

18. Autor 18**1 semana atrás**

A História do Brasil e de Portugal foi durante séculos atacada negativamente e intencionalmente pela propaganda Inglesa e Holandesa, com objectivos de ocupação colonial, por exemplo: a maioria dos Índios preferiram juntar-se aos Portugueses, aliás aos Luso-Brasileiros e não aos Holandeses, na "Dutch Portuguese War", que foi travada na Ásia, África (Angola) e América (Brasil) com vitória Holandesa na Ásia e vitórias Portuguesas no Brasil e Angola. Nas duas os nativos optaram maioritariamente pelos Portugueses, mas nos media passaram a ideia oposta. Aliás, o reconhecimento dos Portugueses aos Índios Nativos foi tão grande e de acordo com o espírito Templário, que o genial Índio Dom Filipe Camarão foi feito Cavaleiro da Ordem de Cristo (os Templários Portugueses). Isto é um facto excepcional e que mais nenhum país fez e que no entanto até hoje tem sido ignorado, porque a "tirania mediática dos

Bárbaros norte colonialistas" obrigou o povo Brasileiro a ter que falar mal de tudo o que é Português e para falar mal dos Portugueses, os Brasileiros tem que destruir as melhores façanhas da sua história e um povo sem orgulho histórico é um povo sem esperança no futuro! No dia em que Portugal e Brasil voltarem a unir esforços, será o dia em que o mundo irá definitivamente olhar para nós, de baixo para cima!

19. Autor 19

3 meses atrás

A lamentável vida sem identidade... qualquer coisa está bom, quando não se sabe do que é capaz.... BRASIL UM PAÍS A DERIVA, DE SUA HISTÓRIA.,

20. Autor 20

2 meses atrás

Assim como é importante conhecer a nossa própria história, conhecer a origem da nossa nação é espetacular. Admiro esses grandes homens desbravadores que chegaram até as Américas.

21. Autor 21

10 meses atrás (editado)

Se não fossemos descobertos por Portugal, certamente seríamos por outro país navegante. O que acontece é que Portugal por estar na beirada da península Ibérica, decidiu investir pesadamente em frotas navais, o que é uma estratégia válida. Obviamente a descoberta do novo mundo, inspirou os demais países a buscarem novas rotas comerciais mais eficientes, visando nada menos do que o lucro. O homem sendo o homem, seria apenas uma questão de tempo até terem descoberto o Brasil, sim, levaria mais algumas décadas, mas isto aconteceria, O Brasil terra povoada por índios estava pre meditada e fadada a ser conquistada, já que esta civilização era tecnologicamente atrasada tanto em armamento quanto em ciência de cura, filosofia, políticas, etc. Até entendo a razão de troca de recursos por 'reliquias' cujo qual de outro modo eles não teriam acesso, ou a razão por querer formar alianças com um estrangeiro cujo qual a primeira vista tinha um bem em comum, mas o fato é, que isto apenas contribuí-o para a colonização, não que isto seja uma coisa ruim propriamente, visto que queira ou não, a civilização local passou a evoluir. A Europa como um todo, estava muito mais habituada a expansão geo política, como também possuíam avanços claros em relação a ciência, administração, infra estrutura, política externa, etc.

Herdamos de Portugal cultura, ideologia e modelo econômico. Estes foram os princípios impressos cultivados em geração após geração como dogma de conduta, até mesmo erámos geridos e administrados por oficiais de Portugal, com afincos que tudo ocorresse como esperado. Obviamente que se uma ideia é cultivada por 5 gerações, outras 5 gerações serão sub produto e de certa forma vítimas ou refém até um certo ponto, de sua forma

de agir ou pensar, afinal de contas, em toda a sua vida e história estava cercada pelo modelo aparentemente mais eficiente de como fazer algo.

Existe um estudo que basicamente afirma o seguinte, caso todo o grupo social em que o indivíduo conviva tenha a mesma opinião sobre algo, este indivíduo passará a achar que esta visão se expande para todo o planeta como uma verdade absoluta e incontestável, mesmo que isto apenas se aplique a apenas um pequeno grupo social.

Exemplo, um jovem cujo pai começa a fazer esporte físico, todos os seus amigos sem exceção utilizam anabolizantes para adquirir resultados, todos os membros da academia também utilizam, ao buscar na internet informações milhares de comentários sobre pessoas inexperientes que não conseguiram resultados por si, somente ao utilizar produtos sintéticos químicos. Esta pessoa, naturalmente passará a achar que o único modo de se obter resultados será seguindo o mesmo modelo, ou minimamente esta sendo a estratégia mais eficiente, no entanto qualquer indivíduo devidamente instruído em como quebrar fibras, recuperar e alimentação, sabe muito bem, que não somente é possível obter-se excelentes resultados, como também pessoas sem este conhecimento estarão fadadas ao fracasso, pois não conseguirão manter os resultados.

A moral da história é que, somos refém e estamos fadados a repetir o conhecimento 'coletivo,' simplesmente porque é mais fácil de alcançar, alienando todo um grupo sobre o modo mais eficiente ou correto. Subprodutos herdarão os mesmos princípios de seus ancestrais mais próximos, se não mentores com ideologia deturpada.

Como o senhor sugere alterar a visão cultural de uma nação com mais de 200 milhões de habitantes, em que se há uma enorme disparidade intelectual e escolar, cujo qual metade da massa populacional é manipulada para promover um governo que não visa o bem econômico, social ou se quer o avanço de qualquer forma do país, se não o interesse pessoal. Lembra sobre a analogia acima? Se aplica aqui.

Outro fator é que, mesmo que um presidente seja eleito, este terá de suas medidas e reformas aprovadas no congresso, congresso cujo qual há mais de 30 partidos cujo qual toda a sua bancada e líderes estarão trabalhando integralmente em receber vantagens do estado e não trabalhar para a população. Não há como aprovar qualquer lei, sem passar pelo senado, e os senadores não irão aprovar leis que os não o beneficiem. Irão querer cargos públicos de alto valor, mesmo sem possuir capacidade técnica de gerir ou administrar tal função.

E mesmo que tenhamos um presidente em que consiga realizar uma coalisão, diminuir a dívida e investir em infra estrutura, 4 anos não é nada. Qualquer política de longo prazo, o que enquadra economia, cultura e conhecimento, só mostrará frutos após décadas.

Como o senhor sugere, não apenas vencer a disparidade cultural, social para ser eleito. Passar medidas pelo senado sem necessitar distribuir cargos que exijam competência, sem ser impedido de governar. Assumir um país em dívida e deficit do PIB que requerera mudanças, e explanar para uma população que não entende que medidas a longo prazo não surtirão qualquer efeito no imediato. Enquanto isto o partido de oposição que quebrou o país, tem a solução a curto e imediato prazo, que a longo

prazo será cada vez mais prejudicial. Como o senhor sugere reverter este quadro?

Não coloque "há não vamos desistir" quero ouvir uma solução para o problema. Mesmo que um presidente competente suba ao cargo, e este consiga realizar coalisão, não haverá resultados de curto prazo.

Há solução? Claro, mas a democracia neste caso é inimiga, devida a disparidade intelectual e social.

Tudo bem o senhor afirma que Portugal e Espanha não possuem responsabilidade. Não concordo, mas afirmo o fato em que todos os países tocados por ambos, são países pobres, sub desenvolvidos, com problemas sociais internos de alta gravidade. Enquanto isto países colonizados pela Inglaterra se tornaram auto suficientes e avançados. Não é uma exceção, e sim regra.

A sobre os portugueses fazerem parte majoritariamente da população brasileira, não faz o menor sentido. Portugal não é um grande país em termos de população demográfica. Quem povoou o país foram os próprios nativos, escravos advindos da Africa e demais europeus cujo qual visavam uma vida melhor no novo mundo. Colonizaram sim, mas em traços de ancestralidade não possuem fortes raízes.

22. Autor 22

2 meses atrás

Eu também estou sendo levada a rever a minha interpretação acerca de nosso relacionamento com o povo português na construção de nossa nação. Temos esquecido de agradecer, e resolvemos nos fechar no despeito, ressentimento e raiva improdutivos...

23. Autor 23

2 meses atrás

Eu tenho orgulho de ser brasileiro e de falar a língua portuguesa. Fico triste com a ignorância do povo, mas a culpa não é deles e sim da verdade que nos foi negada, escondida, deturpada.

24. Autor 24

1 ano atrás

No passado, os brasileiros também conheciam a sua própria história e o valor de Portugal, mas o nosso maldito modelo educacional está apagando isso da nossa memória. Não é a toa que estamos nessa condição nos dias de hoje...

25. Autor 25

1 ano atrás

Isso é uma questão complicada, é preciso muito estudo e discussão. Mas minha opinião é que essa desvalorização histórica se dá principalmente por dois acontecimentos históricos, que são: a queda do Império e o fim da ditadura militar, o que ocorreu foi que os poderes que os sucederam tiveram que derrubar as ideias e grandes figuras que as representavam apenas com a finalidade de obter poder e estabilidade. O que acabou levando outros países a respeitarem nossa história mas do que nós mesmos.

26. Autor 26
1 ano atrás

Nada como tirar a memória de alguém... O típico brasileiro prefere acreditar que não vale nada... Mas ainda hoje é um paraíso que querem destruir... Brasileiros lutem como os vossos antepassados. Nós de português estamos connosco... A nossa língua é a nossa pátria...

27. Autor 27
3 meses atrás

Como estou impactada com este grande documentário! Na época estudantil não tive esta matéria tão rica e cheio de detalhes! E olha que a minha matéria favorita é história! Parabéns a toda equipe que fez este riquíssimo trabalho! 🍷🍷🍷

28. Autor 28
8 meses atrás

Temos que resgatar a civilização ocidental, o direito romano e a fé católica (moral judaica-cristã) a única moral que pode salvar nosso país

29. Autor 29
1 ano atrás

Realmente é triste saber que a maioria dos brasileiros não sabem nem sua própria origem, não sabem nem porque falam português ou porque são cristãos.

30. Autor 30
2 meses atrás

Perfeito!! Simplesmente, perfeito!
A forma como foi contada a nossa história, a valorização de cada degrau, das vidas que se sacrificaram, as imagens e trilha sonora utilizadas neste documentário... pela primeira vez na vida, fiquei com vontade de ouvir mais sobre a história do nosso país. De onde viemos, quem somos, porque somos assim e para onde vamos.
Fascinante!!